

A reportagem da semana

**ESQUINA DA TAVARES DE LIRA COM A DR. BARATA, CENTRO
CONVERGENTE E IRRADIADOR DA VIDA NORTE-RIOGRANDENSE**

Reportagens de Djalma Maranhão publicadas no DIÁRIO DE NATAL, no período de
20 de março a 19 de junho de 1949

Algumas reportagens do jornalista Djalma Maranhão

Os presentes textos foram publicados no Diário de Natal em 1949, nas datas que encimam cada um deles. Seu autor se comporta como um simples repórter jornalístico e decerto nem podia imaginar o que o futuro lhe reservava.

Trata-se de textos – que o autor nomeia de “reportagens” – onde concentra sua observação para personagens e lugares do centro vital da Natal dos fins da década de 1940: a confluência entre a rua Dr. Barata e a avenida Tavares de Lira. A maior parte dos lugares citados – casas comerciais, bares, cafés – já não mais existe e quase todos os personagens referidos, pelo tempo decorrido, não mais habitam esta cidade.

Longe de pretensões ao eruditismo literário, são um documentário escrito em estilo corrente, quase coloquial, onde emprega uma linguagem objetiva e simples e expressões populares em uso no momento. Permitindo-se uma comparação, poderiam ser considerados como uma velha coleção de fotografias colhidas por uma câmera antiga, sem os recursos técnicos modernos, mas suficientemente nítidas e habilmente focadas para objetos importantes.

Para que se verificasse uma maior integração com o texto, decidiu o pesquisador inserir notas de rodapé, onde procurou identificar cada figura citada. Pensou-se em ajudar a memória dos mais idosos e identificar os personagens para os mais jovens e os leitores do futuro. Tal procedimento só foi possível graças à ajuda e entusiasmada colaboração das pessoas citadas no agradecimento. A esses informantes o pesquisador todo o crédito desta identificação.

O texto é, também, um curioso exemplo de locuções populares, muitas delas desconhecidas no momento. Decidiu, ainda, o pesquisador, organizar um glossário com a maioria destes termos e expressões, para melhor entendimento atual e no intuito de poupar a consulta a dicionários. Verificará o interessado a ocorrência de expressões ainda utilizadas, mais de cinquenta anos depois.

Na identificação dos personagens, foram levados em consideração alguns procedimentos. Alguns são citados apenas pelo primeiro nome ou por um apelido, o que dificultou a identificação. Outras, são pessoas de outros Estados, que na ocasião residiam na cidade e por aqui não deixaram marcas. Em muitas delas foram incluídas referências a certas atividades que só muito depois seriam por elas exercidas, como a de professor da UFRN, por exemplo. Procurou-se evitar o uso de datas e abreviar-se a informação para não exceder em muito o espaço disponível. Considere-se, ainda, que grande parte dos personagens era composta de comerciantes, cujas firmas e endereços mudavam frequentemente. Pela exigüidade de espaço e por fugir ao objetivo da publicação menciona-se, quando possível, o nome de uma firma apenas. O leitor deve considerar, passado tanto tempo, a possibilidade de falha da memória dos informantes. Antecipa-se um pedido desculpas pelos enganos e omissões que, certamente, ocorrerão.

À leitura da última reportagem, nota-se que o autor não conclui a série, não se despede. Em uma crônica anterior, prometia focalizar a influência dos americanos em Natal; em outra,

garante uma abordagem sobre o Coronel Quincó. Algo aconteceu que, lamentavelmente, privou o leitor desses nítidos quadros da vida local.

A leitura deste livro transportará o leitor para a velha Ribeira, onde poderá sentir o ambiente da pequena Natal, ainda ressentida da brusca mudança ocasionada pelo fim da segunda guerra mundial ocorrida havia cerca de quatro anos.

Naquelas ruas, de onde o progresso transferiu o eixo econômico para outros bairros, circulava o exemplo marcante da população natalense. Ali serão encontrados homens usando paletó e gravata, trabalhadores da área ou imediações, que acorriam à rua Dr. Barata e Avenida Tavares de Lira até diariamente, em busca de uma reciclagem de notícias e atualização do conhecimento do que se passava ali e no mundo. São profissionais, comerciantes, corretores, advogados, banqueiros e bancários, artistas e, principalmente, os políticos que, reunidos em grupos personalizados, compartilhavam das novidades do dia. O autor não esqueceu os tipos populares, humildes trabalhadores e até mesmos os loucos de rua, que são descritos com a fidelidade de um pintor realista.

Com a ajuda da imaginação poderá ainda o leitor refazer um tempo passado porém não perdido, onde se encontrava tempo e espaço bastantes para conversar, pilheriar, discutir e até mesmo brigar, contar anedotas e relaxar numa mesa de café.

Era um tempo em que – e Djalma comprova isto – vivia-se bem melhor do que hoje.

Claudio Galvão

DJALMA MARANHÃO JORNALISTA

Claudio Galvão

O autor destes textos, repórter Djalma Maranhão, já era, na ocasião em que os escreveu, um experimentado participante das lides jornalísticas. Iniciara-se no Rio de Janeiro onde, até 1937, trabalhou como repórter e noticiário de diversos jornais. Retornando a Natal, ainda em 1937, trabalhou como repórter e revisor do jornal “A República”, até 1939. Neste ano, participava como diretor-secretário da equipe do semanário “Folha do Comércio”.

Sempre entusiasmado pelo esporte, teve como primeira criação jornalística o semanário “O Atleta”, com 1º número circulando a 11 de junho de 1938 e vivendo cerca de dois anos.

Ainda em 1939, a 18 de setembro, juntamente com Waldemar de Araújo, Rui Paiva e Rivaldo Pinheiro, Aderbal de França e Romualdo Carvalho (linotipista), fundava o “Diário”, que visava principalmente à participação na luta das idéias democráticas contra o avanço do nazi-facismo e de uma guerra já em expansão na Europa.

No período da segunda guerra mundial, era correspondente da Associated Press (1943). Desta fase é criação do jornal “O Monitor Comercial”, que Djalma ainda dirigia em 1950: noticiava o movimento de carga e descarga dos navios no porto de Natal.

Em abril de 1942 dá-se a sua primeira eleição como presidente da Associação Norte-Rio-Grandense de Imprensa. A 1º de maio adquiria, com Rui Moreira Paiva, o controle do “Diário”. O jornal seguiu seu destino: a 26 de janeiro de 1945 passava para os Diários e Rádios Associados e, a 3 de março de 1947, intitulava-se “Diário de Natal”.

A revista “Cabugi” teve seu primeiro número lançado de 1945. Incansável, funda o jornal “A Liberdade”, começando a circular a 6 de outubro de 1945. Este é o ano da definição política mais significativa, ao aderir à corrente política liderada por Café Filho.

1950: Djalma ainda estava ligado ao “Diário” e escrevia a crônica “De Natal para o Oeste”, publicada aos domingos em “O Mossoroense”. É o ano de sua primeira tentativa política, ao se candidatar a deputado estadual pelo Partido Social Progressista, conseguindo apenas uma suplência.

Nova tentativa, desta vez bem sucedida o leva à Assembléia Legislativa do Estado nas eleições de 1954: o jornalista começava a ceder lugar ao político. Já em 1956 era nomeado pelo governador Dinarte Mariz para o cargo de Prefeito de Natal; permaneceria até 1959, mas

em 1958 licenciava-se da Prefeitura para assumir a Câmara Federal, para o que fora eleito naquele ano.

A inclinação para o jornalismo ainda o prendia pois, a 21 de abril de 1959 lançava “A Folha da Tarde”.

Foi prefeito e diretor-proprietário da “A Folha da Tarde” até 1964.

A partir desta, a continuação da história todos conhecem...

O pesquisador apresenta agradecimentos ao “Diário de Natal”, através de seu Setor de Pesquisa, particularmente ao seu Supervisor, José Aldemir Fernandes Lopes, e funcionários Jaqueline Maia Franco, Cristiane Rodrigues, Osnilda Figueiredo Lopes e José Anchieta Fernandes Lopes, pela colaboração recebida durante o trabalho.

Para a organização do mapa do local, contou-se com a especial colaboração do professor Nadelson José Freire.

A redação das notas de rodapé somente foi possível através das informações das pessoas abaixo, às quais se credita o êxito do empreendimento.

Alúzio Azevedo
Ângelo Varela
Cartografia do IDEMA (Joel Amorim e Possidônio de Andrade).
Celso da Silveira
Celso Paiva Martins
Claudio José Freire Emerenciano
Clelton César Fernandes Nunes
Concita da Escóssia Melo
Dinarte Bezerra de Andrade
Edson Varela
Evilásio de Souza Lima
Fernandes de Oliveira
Fernando Abbott Galvão
Garibaldi Alves
Georgino Gurgel
Iolanda Dayse de Oliveira Costa
Jardelino Lucena Filho
Jerusa Bulhões
Joanilo de Paula Rego
João Batista de Melo Pinto Neto

João Meira Lima
João Wilson Mendes Melo
José Valério Cavalcanti de Albuquerque
Lenine Pinto
Leônidas Pessoa de Paula
Luciano Barros
Luciano Dantas
Laís Barros
Luís Gonçalves Meira Bezerra
Lupércio Luís de Azevedo
Manoel Procópio de Moura Junior
Marcelo Fernandes
Marcos Cavalcanti Maranhão
Maria da Conceição Medeiros da Silva
Marlise Barros
Moacyr de Góes
Múcio Miranda
Paulo Bezerra
Protásio Melo
Roberto de Araújo Lima
Roberto Varela
Sanderson e Ângela Negreiros
Taciana Maria Jales de Oliveira
Waldemar de Araújo
Zoívo Barbosa

Para a identificação de firmas comerciais da região recorreu-se, também, ao livro **COMERCIANTES E FIRMAS DA RIBEIRA (1924-1989) REMINISCÊNCIAS**, de Júlio César de Andrade (Fundação José Augusto, Natal, 1989).

Desenho da capa: Gilvan Lira

I – Edição do dia 20 de março de 1949.

Compareça à esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Dr. Barata, no trecho que vai da Livraria que foi do velho Fortunato Aranha¹, (uma espécie de seu Figner² natalense, fundador e disseminador do espiritismo em nossa terra) até a esquina do Armazém Potiguar³ e da confeitaria de um jovem que antes mesmo de atingir a idade do sorteio militar, tem a glória de possuir três confeitarias,⁴ e você, irmão, ficará a par de toda a vida norte-rio-grandense.

¹ Fortunato Rufino Aranha, ex-intendente (Prefeito) de Natal, proprietário da Livraria Cosmopolita, prédio ainda existente (ver mapa).

² É provável que o autor se refira a Frederico Figner, empresário judeu-checo, o primeiro no Brasil a gravar cilindros para gramofones e, em 1902, discos em 78 RPM. Era, também, tesoureiro da Federação Espírita Brasileira.

³ Armazém Potiguar: esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata (ver mapa).

⁴ O jovem referido é Múcio Miranda; na ocasião era proprietário das seguintes confeitarias: na Cidade Alta, a “Confeitaria Helvética” (rua João Pessoa); na Ribeira, o “Expresso 56” (também café) instalado no lugar do anterior “Pega-Pinto” (ver

Os gazeteiros, sem estudar psicologia, sabem disto. Ficam acumulados, espalhando suas revistas e jornais pelas calçadas e berrando a plenos pulmões as notícias mais sensacionais. O formigueiro humano é constante. O vai e vem prolonga-se até a hora do fechamento do comércio.

Todos nós, pobres mortais e constantes pecadores, reservamos alguns instantes para render o nosso culto à velha esquina natalense.

OS CAFÉS E BOTEQUINS.

A fisionomia da Esquina da Sorte, para uns, da Angústia e do Desespero, da Luxúria e da Miséria para outros, são os seus cafés expressos, os seus bares imundos e os seus sórdidos botequins. A vida gira em torno deles. Uma xícara de café fumegante, uma média de leite com pão, um grogue de vermute com gim ou simplesmente uma *chamada de cana* com limão. O burburinho é constante e as conversas as mais variadas.

No café expresso da negra Ana⁵, em certos momentos não existe vaga de espécie alguma. A *colored* é jeitosa e ativa e tem bossa para o comércio e a sua freguesia é imensa. Ana está se tornando uma figura digna do nosso folclore, com licença dos “latifundiários” do assunto... Lembra Simôa⁶ e quando falo em Simôa, meu cérebro se povoa de recordações da meninice. E quem, meus irmãos, não conheceu, pelo menos a tradição, a fama inglória de Simôa, dona do mais vasto repertório de pornografias que Natal já possuiu, perambulando pelas ruas, uma cesta ao braço, fazendo compras para as pensões do baixo meretrício, pilheriando aqui, soltando um palavrão mais adiante e despejando a sua série inesgotável de imoralidades, tanto por palavras como por mímicas, sem nenhuma consideração pelo ambiente ou pelas pessoas presentes. Ana, eu te batizo com o sobrenome de Simôa e escolho para o teu padrinho o major José Bezerra⁷...

O expresso da negra Ana tem um rival. É o Café Expresso Natal⁸, da branca, da alva, Adalgiza, que os ciúmes de Severino, às vezes atingem os fregueses metidos a conquistadores...

A paisagem dos botequins ainda é mais pitoresca. No reservado de Inácio⁹ existe sempre um café, uma banda de caju, um *tira-gosto* de fruta. É um ponto *granfa*, apesar de minúsculo, com uma porta de vai-e-vem para a rua. Bebe-se mesmo em pé, porque as mesas são poucas e estão sempre ocupadas.

O beco transversal, chamado Travessa Venezuela, é meio *bas-fond*, parecido com antro. O jogo campeia nas salas traseiras, separadas por “paredes de pano” e as “rodadas” se sucedem. Existe sempre galinha, uma posta de peixe e às vezes mesmo peru e muito farrista almoça e janta por lá mesmo...

ÚNICO BAR QUE NÃO SE AMERICANIZOU.

mapa); em Petrópolis, a “Confeitaria Atheneu”. Mais tarde instalaria na Cidade Alta, a “Confeitaria Cisne”, famosa pelo bar e ponto de encontro, funcionando no momento da transferência do movimento comercial da Ribeira para o Grande Ponto.

⁵ “Negra Ana”, funcionária do “Expresso 56” responsável pela máquina de café expresso, a primeira instalada em Natal.

⁶ Simôa, tipo popular, conhecida pelo vocabulário pornográfico que usava contra quem a importunava. Em seu poema “Evocação de Natal”, escrito no seu exílio do Uruguai, Djalma lembrou: “A *velha Simôa*, / *Mais imoral que uma antologia de Bocage*.”

⁷ Major José Bezerra de Andrade, ajudante de ordens do governador Rafael Fernandes. Coronel da reserva da Polícia Militar. Proprietário da Tipografia Santo Antônio, à rua Frei Miguelinho 30. Descrito pelo autor no capítulo XI.

⁸ Adalgiza, do Café Expresso Natal (não identificados).

⁹ Inácio Antunes explorava um “reservado” no interior do “Expresso 56”, com uma entrada no interior do próprio café e outra na rua Tavares de Lira.

Na recente guerra de libertação dos povos contra a tirania nazi-facista, Natal foi praticamente uma cidade ocupada pelas forças norte-americanas, transformando a Base de Parnamirim, o maior aeródromo do hemisfério, no Trampolim da Vitória¹⁰.

A influência yankee foi poderosa, decisiva mesmo em certos setores. Mas, esta é outra história, como diria Kipling¹¹ e motivo para uma possível e futura reportagem.

Voltemos para a nossa esquina... O Café Globo¹² foi o único bar natalense que não se americanizou. Atravessou a guerra cem-por-cento brasileiro. Os fuzileiros e a marujada do Tio Sam nunca o frequentaram. O seu proprietário recebeu propostas vantajosas de velhas polacas e aventureiras de todas as raças, para comprá-lo ou pelo menos arrendá-lo. Resistiu sempre, preferindo continuar rotineiramente. O Café Globo notabilizou-se por diversos fatores. O primeiro é não ter geladeira. Lá não se bebe nada gelado. A água é simplesmente fria, fresca como chama o garçom, guardada de véspera em enormes jarras de barro. Os vendedores de geladeira, inclusive o “Bonzão da Frigidaire”, o incrível Nival¹³, suam a camisa, gastam saliva, oferecem vantagens, vendem a prestação, mas não conseguem empurrar uma geladeira. No Café Globo também não se vendem bebidas, não tem cerveja e nem aperitivos, é a Lei Seca, *no duro*... O calor sim, o calor asfixiante é outra especialidade do estabelecimento. Dois enferrujados ventiladores, grudados no teto, assistem impassível a angústia da freguesia... A especialidade da casa é o cafezinho pequeno. Também se consegue um lanche; doce com queijo, um copo de coalhada, um pedaço de bolo e nada mais.

O proprietário do Café Globo é um tipo excêntrico. Velhote, meio gordo, acaboclado, caladão, é capaz de passar um dia inteiro, por traz da máquina registradora, sem dar uma palavra, absorto. O seu mundo é o balcão. Existem em Natal, relativamente popularizados, três Luis de Barros. Um deles é o dono do Café Globo. Os outros dois são “cumpade” Luís¹⁴, proprietário de cinema, importador de farinha de trigo e exportador de açúcar, levando uma vida de príncipe, verdadeiro marajá-mirim; o outro é Luís “Careca”¹⁵, dinâmico e boêmio, trabalhando como um burro de carga e gozando a vida em loucos bacanais. Mas nenhum deles é mais conhecido do que “Seu Luís de Barros do Café Globo”.

O Café Globo, o café cem por cento brasileiro, tem as suas anedotas, girando em torno do velho e neurastênico Luís de Barros. Faz pouco tempo que um viajante do sul, rapaz bem *glostorado*, trepado nuns sapatos de três andares, pediu um café e distraidamente começou a colocar açúcar na xícara. Uma colherada, duas, três e Luís de Barros, como o personagem da anedota, ficou prestando atenção às intenções do moço sulista. Quando o freguês ia completar meia dúzia de colheradas, Luís de Barros saiu calmamente da registradora e acercou-se da mesa. “Dá licença moço”, e antes que o viajante tivesse tempo de raciocinar, Luis de Barros derramou a xícara de café dentro do açucareiro e [ilegível] mexeu o “pirão”, dizendo: “Agora está doce, pode beber!”

Certo dia, pela manhã, assisti uma cena gozada. Um freguês pediu um copo de leite e pilheriou, dizendo que botasse pouca água. Numa mesa vizinha estavam diversas personalidades

¹⁰ Trampolim da Vitória: não se sabe quem foi o autor da denominação. Teria sido o embaixador dos Estados Unidos no Brasil, durante a segunda guerra, Jefferson Caffery, quem denominou Natal de “corredor da vitória”.

¹¹ Rudyard Kipling, escritor inglês.

¹² Atual número 165 da rua Dr. Barata (ver mapa).

¹³ Nival Nery Moura da Câmara, vendedor da firma Severino Alves Bila, representante dos refrigeradores da marca Frigidaire. Figura conhecida pelo bom humor e facilidade de comunicação.

¹⁴ Luís de Gonzaga Barros, comerciante à rua Chile, um dos sócios da CIREDA (Cinemas Rex, Nordeste e São Luís). Delegado do Ministério da Indústria e Comércio no RN. Político, disputou com Djalma Maranhão as eleições para prefeito, em 1960.

¹⁵ Luís Gonzaga Cavalcanti Barros (Luís Careca), gerente geral da firma M. Martins e Cia, situada na esquina em frente à “esquina famosa” (ver mapa), depois empresário e funcionário da Prefeitura de Natal.

graúdas, inclusive o deputado Manuel Varela¹⁶, líder do PSD na Assembléia Estadual, espécie de oráculo do governo, o mais autorizado porta voz do situacionismo, que meteu a sua colher torta na conversa. Luís de Barros saiu da registradora e patético no meio do salão, voltado para o deputado, gaguejando de entusiasmo e neurastenia, quase fez um discurso, dizendo que de fato vendia leite com água, porque certa ocasião ao reclamar com um dos seus fornecedores, o mesmo lhe dissera que “batizava” o leite porque podia e ninguém dava jeito, porque era cabo eleitoral do PSD. O deputado procurava mudar de conversa, mas o velhote insistia e a platéia gozava a situação embaraçosa, verdadeira *camisa de onze varas* em que se metera o Dr. Manuel Varela...

Os fatos mostraram que a razão estava com o Café Globo. Terminada a guerra Natal voltou a ser uma cidade provinciana, nas margens do Potengi lendário, digna do poema de Dom Marcolino¹⁷. Os outros bares, os exclusivos dos norte-americanos, foram um a um fechando. Naquelas imediações, sobreviveu unicamente o Café Globo. A sua freguesia nunca mudou, continuando fiel ao café que deixando de lado as miragens do momento, preferiu os brasileiros paupérrimos. E hoje o Café Globo é um símbolo da resistência nativa. Com toda a neurastenia do velho Luís de Barros, o Globo vive cada dia mais cheio e é nas suas mesinhas quadradas e geralmente sujas, que se traçam os destinos do Rio Grande do Norte. São os políticos, os homens da alta finança, os corretores, os intelectuais, misturados com estudantes, auxiliares do comércio, jogadores de futebol, que o freqüentam.

II – Edição do dia 27 de março

¹⁶ Manoel Varela de Albuquerque, advogado, professor do ensino primário, do Atheneu e da Escola Doméstica e da UFRN. Procurador da República. Político, pertencia ao PSD (Partido Social Democrático).

¹⁷ D. Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas, terceiro bispo da diocese de Natal, que administrou de 1929 a 1961. Poeta, compositor de músicas sacras.

Grandes transações de algodão são ali realizadas – As oscilações de cambio e a cotação dos mineiros – um bar que não se americanizou – Cambalachos políticos de toda espécie – As tertúlias literárias – Quartel general dos nossos canastrões teatrais – Boato, mais boato e sempre boato – Reduto dos mendigos e dos marreiros – No footing, as mulheres não podendo mostrar as pernas, exibem belos bustos e bonitas espáduas.

A esquina da Tavares de Lira, com a Dr. Barata, é uma espécie de mar, aonde deságuam todos os rios. Verdadeiro museu ambulante, pitoresco, trágico, divertido, palco dos mais variados espetáculos. Ao lado, José Gurgel¹⁸ faz uma autêntica preleção sobre os preceitos da moral e da fé e é interrompido por Benjamim Rebouças¹⁹ e Manuel Alves²⁰, pai do deputado Aluízio, fechando-se o tempo numa discussão sobre o inverno. E os homens do sertão, os tradicionais coronéis do *hinterland* potiguar acerbam-se, agrupando-se, participando do debate, autêntica sabatina pública. E os mais eruditos deitam teoria, enquanto outros citam exemplos práticos, as “torres” e os relâmpagos, as notícias de chuva no Piauí que o Dr. Raimundo França²¹, diretor do tráfego telegráfico e verdadeiro jornal informativo ambulante, acabava de receber. Os pessimistas prenunciam seca e alguém informa que o viajante de Alves de Brito & Cia.²², viajando de automóvel chegado ontem pela “*boca da noite*”, atravessando os sertões do Ceará e do Rio Grande do Norte, somente encontrara água no Jaguaribe e na passagem do rio Assu. São assim as conversas da velha e tradicional esquina; ondulantes, variadas, vivas, movimentadas, numa heterogeneidade exuberante.

AS GRANDES TRANSAÇÕES DE ALGODÃO.

O senador João Câmara²³, o poderoso coronel Vanvão de Baixa Verde, presidente, do Partido Social Democrático, recentemente falecido, que na vida industrial e agro-pecuária do Estado era o maior, movimentando milhões e mais milhões de cruzeiros, importando maquinário da Norte América, instalando novas usinas e vendendo algodão em larga escala para Liverpool e exportando torta e óleo de caroço de algodão para os mais distantes portos do mundo, freqüentava diariamente a Esquina famosa, bebericando, sisudo, compenetrado e geralmente em mangas de camisa, o seu cafezinho.

Os gerentes e diretores dos Bancos, também comparecem. Barcelos²⁴, do Banco do Brasil, quando os pecuaristas chorões e renitentes lhe dão uma folga, aparece, pela manhã, enquanto Sátiro²⁵, do Banco do Povo, vem sempre à tarde, fugindo dos reformadores de “*papagaios*” e daqueles

¹⁸ José Gurgel do Amaral Valente, dentista em Natal desde 1921; ex-presidente da Liga de Desportos Terrestres, torcedor fanático do Flamengo e do Sport Club de Natal. Professor do Atheneu, um dos fundadores da Faculdade de Farmácia e Odontologia e da UFRN.

¹⁹ Benjamim Rebouças, sócio da firma Monte & Rebouças, na rua Chile.

²⁰ Manoel Alves Filho, proprietário da firma M. Alves Filho. Em Natal, comerciante de estivas e cereais, na rua Chile; depois, proprietário de várias casa comerciais. Industrial e agro-pecuarista em Angicos. Pai do então deputado Aluísio Alves.

²¹ Dr. Raimundo de França, advogado, telegrafista, depois diretor dos Correios e Telégrafos, casado com a poetisa Palmira Wanderley.

²² Alves de Brito e Cia. Firma de Campina Grande, do ramo do algodão. Localizava-se no local onde foi construída a Caixa Econômica Federal da Ribeira.

²³ João Severiano da Câmara, político, industrial, proprietário de firma de comércio e indústria de algodão.

²⁴ Funcionário do Banco do Brasil, originário de outro Estado.

²⁵ Sátiro Guimarães, originário de Campina Grande. Primeiro banco sediado em outro Estado a se instalar em Natal, avenida Tavares de Lira, no local da atual Tribuna do Norte.

que vivem atrás de descontar promissórias. Solon²⁶, do Banco do Rio Grande do Norte, Dr. Aldo²⁷, da Casa Bancária e Jessé²⁸ do “banquinho” Auxiliar do Comércio, assinam o ponto nos dois expedientes...

O Café Globo é uma espécie de escritório central dos corretores. Floriano Medeiros²⁹ fecha o armazém, bota a chave no bolso e vem bater papo. A sua freguesia é antiga, certa e habituada a procurá-lo na Tavares de Lira. Antônio Vasconcelos³⁰ é o mais ativo e depois que deixou a política não perde tempo e a sua palestra gira sempre em torno de corretagens de algodão, de imóveis, etc. Simplício Cristino³¹, corretor, vereador e boêmio, dentro desta trilogia agiganta-se o boêmio, eleito para a Câmara Municipal pelos bebedores de cerveja do Carneirinho de Ouro³² e do Eldorado³³, dois bares famosos, cujo eleitorado Simplício controla e em cujas mesas realiza importantes transações.

O coronel João Medeiros³⁴, de Jardim do Seridó, Rainel Pereira³⁵, de São Tomé, Florêncio Luciano³⁶, de Parelhas, Aristófanes Fernandes³⁷, de Santana do Matos, João Bianor³⁸, de Santa Cruz, Manezinho Montenegro³⁹, do Açú, Francisco Cabral⁴⁰, de São Paulo do Potengi, os magnatas do ouro branco, os matutos endinheirados do alto sertão; os usineiros e senhores de engenho do agreste, Ubaldo Bezerra⁴¹, Luiz Varela⁴², Adauto⁴³, Agenor Lima⁴⁴, Odilon Barbalho⁴⁵, José Carvalho⁴⁶; os fabricantes de aguardente, Berckmans⁴⁷ da “Olho D’água”, Eider⁴⁸ da “Inspiração” e Newton⁴⁹ da “Dois Tombos”. Todos eles quando chegam do interior, fazem praça na Dr. Barata.

²⁶ Solon Rufino Aranha, gerente do Banco do RN, esportista, ex-dirigente do ABC Futebol Clube, um dos fundadores do Centro Náutico Potengi.

²⁷ Aldo Fernandes Raposo de Melo, advogado, proprietário do Banco Indústria e Comércio Norte-Rio-Grandense, ocupou elevados cargos no governo estadual, professor da UFRN.

²⁸ Jessé Pinto Freire, advogado, empresário, proprietário do Banco Auxiliar do Comércio, político, presidente da Confederação Nacional do Comércio.

²⁹ Floriano Medeiros (de Caicó), comerciante, corretor do algodão.

³⁰ Antônio de Vasconcelos (Galvão), corretor do algodão, escritório na Travessa Venezuela, ex-prefeito de Currais Novos.

³¹ Simplício Cristino (descrito pelo autor).

³² Carneirinho de Ouro, fundado em 8/08/1936 e ainda em atividade no momento desta publicação, localizado na esquina da Dr. Barata com Tavares de Lira, 1º andar (ver mapa).

³³ Eldorado, sorveteria que pertenceu a Jessé Freire, na esquina da Tavares de Lira com Câmara Cascudo (ver mapa).

³⁴ Coronel João Medeiros, agro-pecuarista em Jardim do Seridó, pioneiro da indústria extrativa de óleo de caroço de algodão na região.

³⁵ Rainel Pereira, comerciante, fazendeiro, ex-prefeito de São Tomé.

³⁶ Florêncio Luciano, fazendeiro no município de Parelhas, exportador de algodão.

³⁷ Aristófanes Fernandes, agro-pecuarista em Santana do Matos, comerciante, político.

³⁸ João Bianor Bezerra, político, ex-prefeito e proprietário em Santa Cruz, exportador de algodão.

³⁹ Manoel Montenegro, fazendeiro em Açú, político.

⁴⁰ Francisco Cabral, fazendeiro, proprietário de usina de algodão em S. Paulo do Potengi, político, um dos fundadores da cidade de São Pedro.

⁴¹ Ubaldo Bezerra de Melo, proprietário das usinas de açúcar Santa Terezinha e Ilha Bela, em Ceará-Mirim, pioneiro da modernização da indústria açucareira do Estado. Presidente do Banco do Rio Grande do Norte (1930). Político, Interventor Federal no período de 13/02/1946 a 15/01/1947. Tinha escritório na Travessa Aureliano, Bezerra e Cia.

⁴² Luís Lopes Varela, proprietário da Usina São Francisco em Ceará-Mirim, ex-prefeito daquela cidade, senador da República.

⁴³ Adauto Ferreira da Rocha, um dos diretores da Usina Estivas, ex-prefeito Arez.

⁴⁴ Agenor Bezerra de Araújo Lima, proprietário do engenho Bom Jardim, agro-pecuarista, chefe político em Goianinha.

⁴⁵ Odilon Ernestino Barbalho, proprietário do engenho Benfica, em Goianinha, ex-prefeito daquela cidade.

⁴⁶ José Carvalho e Silva, ex-prefeito de Canguaretama, agro-pecuarista e proprietário do engenho Torre. Fiscal de Rendas do Estado.

⁴⁷ João Berckmans Dantas, proprietário em São José de Mipibu, fabricante da aguardente “Olho d’Água”.

⁴⁸ Eider Ribeiro Dantas, proprietário do engenho Santo Antônio em São José de Mipibu, fabricante da aguardente “Inspiração”.

⁴⁹ Newton Pessoa de Paula, proprietário do Engenho Califórnia, em São Gonçalo do Amarante, fabricante da aguardente “Dois Tombos”.

O algodão sobe um ponto, ou cai a cotação do açúcar ou melhora o preço da cera de carnaúba, os interessados não se alteram. Dentro de poucas horas a notícia se espalha, célere, honesta, digna de toda confiança.

Lamartine⁵⁰, da Sanbra, manso, jeitoso e sabido, compra sempre pelo melhor preço, mas em compensação não adianta dinheiro para os matutos “*fundarem a safra*” e nem compra “*algodão na folha*”, fazendo somente negócio à vista, preto no branco, toma lá dá cá e no máximo paga um cafezinho pequeno para o freguês... Jacques⁵¹, gerente de Anderson Clayton, segue também este método. Os Fernandes (Nezinho⁵², Costinha⁵³ e Zeriberto⁵⁴) espalham dinheiro pelo sertão e fazem um movimento danado de grande. Wharton Pedroza, com os Scotts⁵⁵ à frente, não mete *prego sem estopa* e não negam que têm sangue de judeu... Dinarte Mariz⁵⁶ é o homem dos grandes vôos, dos negócios fabulosos, das empreitadas audaciosas, ganhando dinheiro e politicando, vivendo mais no Rio de Janeiro e aparecendo de vez em quando para embasbacar os conterrâneos ingênuos com palestras palpitantes debaixo dos ficus-benjamins da Tavares de Lira.

E é nestes encontros, nas conversas que se multiplicam, que surgem as oportunidades e que se fecham os negócios.

O CAMBIO E A COTAÇÃO DOS MINÉRIOS

Tomaz Salustino⁵⁷, desembargador aposentado, vice-governador do Estado, o homem mais rico do Rio Grande do Norte, é o rei da *scheelita*, vivendo em Currais Novos, no meio das minas, numa serra imensa, verdadeira Montanha Magnética e quando aparece em Natal, não deixa de ir à Avenida Tavares de Lira, modesto, falando baixinho e sempre achando a vida difícil, apesar dos milhões amealhados... O corretor de cambio, José Aguinaldo⁵⁸, que há vinte anos passados teve a honra de ser o melhor datilografo da cidade, trabalhando na agência do Lloyd Brasileiro⁵⁹, numa mesa bem junto da porta da frente onde o povão juntava pra ver a “*estraladeira*” da antiquada Remington⁶⁰ e ouvir o trinado do primeiro canário-belga importado, cuja gaiola ficava no portal do prédio, é o corretor do desembargador Tomaz.

A agência do Banco do Brasil, em Natal, pela sua Carteira de Importação e Exportação, luta com dificuldades tremendas para satisfazer a sua clientela, devido a falta de disponibilidades em dólares. A não ser os embarques de algodão e seus derivados, porque o sal e a cera de carnaúba são exportados pelos portos de Macau e Areia Branca, resta somente a *scheelita*, e é por isto que os importadores de trigo, automóveis, máquinas e bugigangas de *matéria plástica* não dão folga a Cileno⁶¹, chefe da referida Carteira, chateando todo o expediente, pedindo aberturas de créditos,

⁵⁰ Lamartine de Andrade Lima, pernambucano, funcionário da Sanbra (Sociedade Algodoeira do Nordeste do Brasil).

⁵¹ Jacques Blum Lima, descendente de inglês, gerente da firma Anderson e Clayton (algodão).

⁵² Manoel Hemetério Fernandes Raposo de Melo, cunhado de Costinha, trabalhava nas firmas citadas na próxima nota.

⁵³ José de Oliveira Costa, proprietário da firma Tertuliano Fernandes e Cia., em Mossoró, e Fernandes e Cia., em Natal, com filiais no Rio de Janeiro e São Paulo; ramo de beneficiamento e exportação de algodão, cera de carnaúba e couros.

⁵⁴ José Heriberto Fernandes, funcionário da firma Tertuliano Fernandes e Cia., em Mossoró.

⁵⁵ Scotch Brooks, inglês, um dos proprietários da firma S. A. Wharton Pedroza, exportadora de algodão, localizada na Rua Chile.

⁵⁶ Dinarte de Medeiros Mariz, empresário do comércio e beneficiamento do algodão (Exportador Dinarte Mariz S. A.), político, governador do Estado no período de 1956 a 1961.

⁵⁷ Tomaz Salustino, proprietário da mina Brejuí, de Currais Novos.

⁵⁸ José Aguinaldo de Barros, (descrito pelo autor) fundador da Bolsa de Valores do RN, boêmio, ator, poeta, deixou inédito “Poemas para Nina”, publicado em 1993.

⁵⁹ Lloyd Brasileiro, companhia de navegação proprietária de navios de passageiros que ligava Natal ao restante do País. Agência na rua Dr. Barata, atual n. 220 (ver mapa).

⁶⁰ Marca de máquinas de escrever.

⁶¹ Cileno Silva desportista, funcionário do Banco do Brasil.

procurando depositar dinheiro. O rei da scheelita envia para Campina Grande, na Paraíba, onde existe um laboratório de análises e poderosos “atravessadores” que compram minério, pagando na boca do cofre, grande parte da produção de suas jazidas. O comércio, por intermédio de suas classes conservadoras e entidades representativas, já reclamou e andou apelando para os sentimentos bairristas do desembargador... Atualmente algumas centenas de toneladas do precioso minério, são negociadas pela agência de Natal e em conseqüência disto José Aguinaldo é um cidadão importante. O desembargador autoriza vender a 20 dólares, por unidade de W03 a tonelada curta, mas os homens de Wall Street, telegrafam de Nova York, informando que somente interessa a 18. E o comércio importador que fique esperando a transigência de uma das partes... Mas os “iniciados” no negócio acompanham a marcha das transações, pelas reações do corretor Aguinaldo. Quando ele aparece no Café Globo, o cabelo grisalho, todo desgrenhado, mesmo que venha com um Western⁶² na mão, as cousas estão pretas... Se ele vem calmo e despreocupado, é que o mercado reagiu, a cotação da scheelita melhorou e existem possibilidades de fechar algum negócio vultoso...

OS TROTES E PILHERIAS

Existe uma turma que faz ponto à tarde na esquina famosa e à noite vai ao Grande Ponto e nos dias de plantões da Farmácia Natal⁶³ dá um expediente puxado até alta madrugada. É a turma do trote, que se diverte a custa dos outros, criando miragens, inventando casos, fazendo confusão, desopilando o fígado.

Um dia telefonaram para Cloro⁶⁴.

– Aqui fala da Farmácia Natal.

Do outro lado do fio João Batista Galvão⁶⁵, leiloeiro e ex-ministro da revolução comunista, indagava, perguntando pelo Sr. Cloro Marques.

– É com ele que está falando. O que deseja?

João Batista, falando sério, rodeado pela turma, pedia informações: “Fui informado de que o senhor tem um terreno na Rua Mipibu e deseja vender. Eu sou comerciante em Pendências, município de Macau e me chamo José Januário. Estou interessado no negócio. Qual é o preço?”

– Oitenta mil cruzeiros; todas as despesas por conta do comprador.

O falso comprador discutiu um pouco, pedindo diferença.

– O mais que posso fazer é dividir as despesas.

– O melhor é um entendimento pessoal. Estou hospedado no Hotel Avenida⁶⁶, quarto nº 20. O Sr. pode me procurar às quatro horas da tarde.

– Quatro horas é ruim para mim, é hora de muito movimento. Não podia ser às duas?

João Batista concordou e acertou o encontro.

⁶² Western Telegraph Company, companhia telegráfica que utilizava cabo submarino e proporcionava comunicação mais rápida que o telégrafo comum. Esquina da Duque de Caxias com Travessa Bom Jesus.

⁶³ Farmácia Natal; localizava-se na esquina das ruas Vigário Bartolomeu e Ulisses Caldas, quadra frontal à Prefeitura.

⁶⁴ Cloro (Clodoaldo Marques Leal), proprietário da Farmácia Natal, ponto de encontro vespertino de amigos e intelectuais. Djalma, quando no exílio no Uruguai, relembra o local, em seu poema “Evocação de Natal”: “*A farmácia de Cloro na Ulisses Caldas / A última que mantém as características / Das históricas “boticas” do começo do século.*” O prédio foi descaracterizado, perdendo a cidade mais uma marca de sua história. No local nasceu, em prédio anterior, o poeta Lourival Açucena.

⁶⁵ João Batista Galvão, (descrito pelo autor).

⁶⁶ Hotel Avenida, localizava-se na esquina da Duque de Caxias com a Sachet.

Às duas horas da tarde, a turma estava espalhada pelas imediações da Recebedoria de Rendas, do Teatro Carlos Gomes, passeando pela Praça Augusto Severo, quando um luxuoso *carro de praça* [ilegível] Hotel Avenida.

Era Cloro que chegava, vindo de automóvel para facilitar o negócio e levar logo o comprador para ver o terreno.

Vai ao quarto 20 e encontra é um viajante meio estúpido que não se interessou em ouvir a história do terreno, pensando que fosse algum conto do vigário...

Cloro saiu *bufando, vendendo azeite às canadas* e quando tomou o carro, para coroar a história, uma gargalhada geral encheu o ambiente. Era a turma gozando o trote...

Orlando Monteiro (Landinho)⁶⁷ e Orlando Teixeira (Landão)⁶⁸ por muito tempo fizeram parte desta gang e naturalmente sofreram as conseqüências.

Landinho morava na Rua Vigário Bartolomeu, numa casa que herdara, juntamente com outros. Ponto magnífico e que diversas pessoas haviam procurado comprar, mas que por um motivo e por outro, os herdeiros nunca chegaram a um acordo. Quando uns queriam vender, outros eram do contra e assim vice e versa. Resolveram, então, definitivamente, não falarem mais no assunto da venda do prédio.

Passaram-se os tempos. Um belo dia apareceu na “A República” um anúncio: Vende-se a casa número tal da Rua Vigário Bartolomeu, com tantos quartos, alpendrada, fruteiras, etc., etc. a tratar na mesma com o proprietário Orlando Monteiro.

O melhor é que Landinho tinha viajado ao interior do Estado e a turma aproveitava esta oportunidade para mandar o anúncio para o jornal.

Os interessados começaram a afluir e os outros herdeiros, furiosos, sem alcançarem que era uma brincadeira de mau gosto, *deram o cavaco* mais danado do mundo, dizendo até desaforos. O velho Júlio Tinoco⁶⁹ ameaçou dar bengaladas e chegou a ponto de entregar o caso a um advogado. Para sossego geral Landinho regressou, urgente do interior e tudo foi esclarecido, voltando a paz a reinar...

Landão era metido a namorador, vivendo loroteando conquistas. Uma tarde apareceu na roda do bate-papo o repórter Raimundo⁷⁰, cunhado do deputado Café Filho⁷¹, rapaz ingênuo, verdadeiro “*foca*”, como se chama na linguagem jornalística. Gentil Nesi⁷², desfrutando prestígio porque havia sido juntamente com o general Juarez Távora, Vice-Rei do Norte, padrinho do casamento do então tenente-interventor Aluísio Moura⁷³ chamou o repórter de lado e participou o noivado de Landão. O jovem repórter era amigo de Landão e no outro dia *lascou* a notícia do noivado de Orlando Teixeira com a prendada senhorita Maria dos *Anzóis Carapuça* ou outro nome qualquer. Landão *virou bicho*. Ameaçou céu e terra. Passou a andar armado, para um ajuste de contas com a turma, mas um dia Lauro Veiga⁷⁴ descobriu que o vasto volume que Landão trazia no bolso traseiro da calça, não era revólver, era um simples pacote de jornais, uma edição domingueira do “Diário de Pernambuco” ou do “Jornal do Comércio”.

⁶⁷ Orlando Monteiro (Landinho), alto funcionário do Departamento de Correios e Telégrafos.

⁶⁸ Orlando Teixeira (Landão), funcionário federal,

⁶⁹ Júlio Tinoco, macaibense, funcionário da Prefeitura de Natal.

⁷⁰ Raimundo Fernandes, funcionário do Ministério da Fazenda, passou a residir nos Estados Unidos.

⁷¹ João Café Filho, jornalista, deputado na ocasião da redação desta crônica, vice-presidente da República, assumindo a presidência no período de agosto de 1954 a novembro de 1955, Ministro do Tribunal de Contas do então Estado da Guanabara.

⁷² Gentil Nesi Barbosa, diretor geral da secretaria do Tribunal Regional Eleitoral.

⁷³ Aluísio de Andrade Moura, oficial do Exército, Interventor Federal no período de 28/01 a 31/07/1931.

⁷⁴ Lauro Veiga, bedel do Atheneu, desportista, fundou em 1938 o “Morte Futebol Club”, no qual jogava Djalma Maranhão.

Esta turma diabólica que presentemente faz ponto na esquina famosa, tem pregado diversas peças notáveis.

Elissósio⁷⁵, nos áureos tempos da boêmia, fez uma viagem para o Ceará, acompanhado da família. Os amigos naturalmente foram a bordo do “Ita” e como não podia deixar de ser tomaram algumas centenas de chopes. Quando desceram o portal do navio vinham alegres e ao passarem na Rua Dr. Barata, Carlos Siqueira⁷⁶ e Renato Wanderley⁷⁷ tiveram uma idéia, considerada pelos demais, como notável, verdadeiramente genial. Entraram na tipografia do velho Augusto Leite⁷⁸ e encomendaram um cento de cartões daqueles que trazem uma cegonha carregando um bebê chorão no bico, nos quais mandaram imprimir uns dizeres anunciando que Elissósio, comunicava aos amigos que nas águas do Atlântico, entre o Rio Grande do Norte e o Ceará, nascera o herdeiro da família e que por este motivo seria batizado com o nome de Navegantino. Quando Elissósio voltou e a casa se encheu de amigos para visitar o hipotético recém-nascido, ficou furioso e por muitos anos as inimizades rolaram por conta da pilheria.

A turma não respeita ninguém, nem mesmo os mais graduados, os líderes do bando. O advogado Theodomi⁷⁹ é freguês tradicional, gostando de pregar suas peças e todas as tardes, depois do expediente do Tribunal, está firme na Esquina. Nas vésperas do carnaval, por um motivo qualquer, deixou dois dias de assinar o ponto na Tavares de Lira. Foi o suficiente para que a turma, com ar compungido, espalhasse que ele havia tido um acesso, estava meio louco e por cima de tudo, furioso. Contavam detalhes do seu embarque de avião para Recife, onde estava internado. Zé Alecrim⁸⁰ e Raimundo Fu Manchu⁸¹ eram os que espalhavam o boato com mais técnica e eficiência. E quando alguém duvidava, diziam que perguntassem ao dr, Régulo⁸², que juntamente com Canindé⁸³, confirmavam com um sorriso. Theodomi, dentro do provérbio de que malandro não grita, está na tocaia, esperando uma oportunidade para tirar a revanche...

⁷⁵ Elissósio de Amorim Guimarães, funcionário do Departamento de Correios e Telégrafos, campeão de bilhar; poeta, publicou “Society” e “As bossas”.

⁷⁶ Carlos Siqueira, poeta, trovador, funcionário da Estrada de Ferro Central .

⁷⁷ Renato dos Guimarães Wanderley, funcionário autárquico.

⁷⁸ Augusto César Leite, tipógrafo, jornalista, proprietário de gráfica, publicou o jornal “Gazeta do Comércio”; um dos fundadores da Liga Artístico-Operária do RN (1904).

⁷⁹ Teodomi⁷⁹ Sá, advogado, juiz do Tribunal Regional Eleitoral.

⁸⁰ José Eurico Alecrim, desportista, funcionário dos Correios e Telégrafos.

⁸¹ Raimundo Fu-Manchú (não identificado).

⁸² Régulo da Fonseca Tinoco, desembargador, membro do Tribunal de Justiça do Estado.

⁸³ Francisco Canindé de Carvalho, nascido em Arez, desembargador, membro do Tribunal Regional Eleitoral e do Tribunal de Justiça do Estado.

III – Edição do dia 3 de abril

O boato é uma arte, uma verdadeira ciência e a esquina da Dr. Barata com a Tavares de Lira, é a grande academia, uma espécie de universidade popular aonde os linguarudos fazem os seus cursos de aperfeiçoamento. O boato é inegavelmente uma instituição nacional, digna de competir com o jogo do bicho em conceito e crédito diante não somente dos poderes públicos, como também frente às diversas camadas da população. As histórias mais inverossímeis, as conversas mais disparatadas se corporificam, multiplicando-se em detalhes, sobem como balão, espalham-se como um rastilho de pólvora, ganhando foros de verdade.

Quem quiser saber das novidades, informar-se dos acontecimentos políticos, ficar a par dos namoros do último baile, dos ricos que ficaram pobres e dos pobres que estão ficando ricos, das negociatas, das trapaças, das brigas e das encrencas, ou simplesmente *desopilar o fígado* com as histórias gaiatas, ou saber dos resultados dos jogos de futebol, compareça à esquina tradicional, que é a verdadeira fonte irradiadora de informações.

Existe um verdadeiro sindicato, uma organização que não tem estatutos e nem diretoria e se reúne sem convocações prévias, a qualquer hora e com qualquer número. A sua finalidade é cotejar informações, colher novos dados, obter detalhes sensacionais, permutar informações. Existem os catedráticos, os bambas que sempre tem uma história. Quem souber jogar com os trunfos que possuir, será sempre um elemento bem informado. Paulo Viveiros⁸⁴ é um mestre nesta arte. Sabe de tudo que se passa em Natal, mas não anda espalhando aos quatros ventos. Gosta de completar os assuntos, cotejar os dados, tirar conclusões próprias, fazer prognósticos. Carlos Augusto⁸⁵ e Amaro Magalhães⁸⁶ adotam métodos diversos; querem é movimento. Cavalcanti Moura⁸⁷ vem duas vezes por dia, deixando os teares funcionando, a fábrica entregue ao gerente, saber o que é que há. Os repórteres Alves⁸⁸ e Leonardo⁸⁹ começaram freqüentando as “rodas” por dever de ofício, mas atualmente estão viciados, completamente dominados pelo vício. O desembargador Silvino⁹⁰, austero, imprimindo respeito, não conta história e nem espalha boato, mas gosta de ouvir e é capaz de passar horas seguidas assistindo uma *parolagem*, ficando sisudo nas passagens mais irreverentes. Garibaldi Alves⁹¹ e Antônio Justino Bezerra⁹² são dois viciados de marca maior. Amaro Silva⁹³ e o sobrinho de Monsenhor Mata⁹⁴ são os pesadelos das rodas da avenida. Quando pedem a palavra, não param mais e as suas histórias são intermináveis, uma espécie de “*entrou pela perna do pinto e mandou dizer o rei meu senhor que contasse mais dez*”. O deputado Djalma Marinho⁹⁵ é metido a grã-fino e não troca idéias com todo mundo. Sabe de muita coisa, está geralmente bem informado, mas não confia nem no seu amigo do peito, o major Teodorico⁹⁶, abrindo-se unicamente para Dinarte. Aguinaldo Simonetti⁹⁷, tem dado uma trabalhadeira. Eliseu Marques⁹⁸, com o talão de recibos de suas casas de aluguel no bolso, quando a conversa está animada, esquece até de receber o dinheiro e a Leon Wolfson⁹⁹ só interessa duas coisas no mundo: a movelaria e a

⁸⁴ Paulo Pinheiro de Viveiros, advogado, escritor, professora da UFRN.

⁸⁵ Carlos Augusto Caldas da Silva, advogado, juiz do Tribunal Regional Eleitoral, desembargador do Tribunal de Justiça do Estado, professor da UFRN.

⁸⁶ Amaro Magalhães da Silva, líder cafeísta, político, implicado no movimento de 1935. Funcionário do Tesouro Estadual.

⁸⁷ Manoel Cavalcanti Moura, comerciante, sócio de lojas de ferragens na rua Dr. Barata.

⁸⁸ Luís Maria Alves, jornalista, diretor de “O Diário de Natal”.

⁸⁹ Leonardo de Oliveira Bezerra, paranaense, funcionário do jornal “A República” desde os 15 anos, geógrafo, professor da antiga Faculdade de Filosofia de Natal, funcionário da Assembléia Legislativa do RN. Redator-chefe do “Jornal de Natal” com Djalma como diretor.

⁹⁰ Silvino Bezerra Neto, caicoense, professor, juiz, desembargador do Tribunal de Justiça do Estado. Presidente da OAB/RN. Um dos fundadores da Escola Doméstica, da Associação de Assistência a Psicopatas, do Instituto de Proteção e Assistência à Infância e do Clube dos Trovadores. Poeta.

⁹¹ Garibaldi Alves, gerente da firma M. Alves Filho em Angicos, político, agropecuarista.

⁹² Antônio Justino Bezerra, sócio da firma A. Justino e Cia., fábrica de mosaicos e material de construção na rua Frei Miguelinho.

⁹³ Amaro Silva, agrônomo, chefe do Fomento Agrícola.

⁹⁴ Monsenhor João da Matha Paiva, professor, diretor do Atheneu, reitor do Seminário São Pedro, político. O sobrinho referido pelo autor chama-se Antônio de Paiva.

⁹⁵ Djalma Aranha Marinho, advogado, político. Deputado Federal; a sala da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Federal tem o seu nome.

⁹⁶ Teodorico Bezerra, proprietário rural, chefe político na região do Trairi. Proprietário de hotéis, arrendatário do Grande Hotel, (1939) em Natal.

⁹⁷ Aguinaldo Simonetti, funcionário do Ministério da Fazenda.

⁹⁸ Eliseu Marques, fazendeiro em Canguaretama, proprietário de imóveis em Natal.

⁹⁹ Leon Wolfson, judeu, proprietário da Movelaria Recife, na Avenida Tavares de Lira n. 83, fundador do Centro Israelita de Natal (ver mapa).

luta entre o Estado de Israel e o mundo árabe. Werner Grau¹⁰⁰ diz que o velho Leon está entendendo mais da questão Palestina do que mesmo de móveis, completamente absorvido pelas marchas e contra marchas dos exércitos judaicos contra os patrícios de Abdula¹⁰¹. Alcides Varela¹⁰², quando chega de Macaíba vem “*a toda*” para a avenida e não dorme satisfeito se não arejar o espírito com alguma novidade.

Mas nas palestras da Esquina, surgem, também, os “*chatos*”, os impertinentes, uma turma que tem a mania de “conversar em particular” puxando o sujeito para um canto, misteriosamente, como se, por exemplo, tivesse um segredo tremendo para contar ou se pelo menos estivesse informado do dia certo em que o mundo vai acabar. Não tem quem se livre desses elementos “cacetes”. Você vai arrastado *pela manga do paletó* e quando estão a sós, o “chato” lhe pergunta em meia voz: “O que é que há?” Você sente vontade de mandá-lo para o inferno, mas se controla e procura dar o fora.

AS BRIGAS E AS CONFUSÕES

A Tavares de Lira e a Dr. Barata foram teatro de verdadeiros pandemônios, de confusões memoráveis, com a participação da gente mais ilustre da cidade. Foi na Tavares de Lira que o velho e honrado Samuel de Góes¹⁰³, durante as duríssimas lutas do Partido Popular contra o governo Mário Câmara¹⁰⁴, foi preso pelo famoso investigador Fumo Ruim¹⁰⁵. No Café Globo, arrebentaram-se bancas e quebraram-se dúzias de cadeiras no “*rolo*” em que participaram o Francisco Varela¹⁰⁶ (o homem que se celebrou pela sua falada espada, que o humor de Potiguar Fernandes¹⁰⁷, doublé de boêmio e fiscal de consumo, glosou em versos que fizeram época) e o atual deputado Dix-Huit Rosado¹⁰⁸, numa refrega por causa de uma questão de minas de gesso, levaram tudo de “*oito*” como dois touros enfurecidos. O jornalista Romildo Gurgel¹⁰⁹ e o juiz João Maria Furtado¹¹⁰ também se defrontaram na Dr. Barata, invadindo a casa comercial de Amaro Mesquita¹¹¹, quebrando lavatórios, aparelhos sanitários e banheiras de luxo, terminando Romildo com uma bala na perna e o magistrado com a *mauzer* “engasgada”, forçando o gatilho, separados por amigos comuns. Na Tavares de Lira o deputado Aristófanos andou tentando um encontro com o presidente da Assembléia Legislativa...

Os partidos políticos têm as suas zonas de influência na esquina. Os udenistas¹¹² formam seus grupos compactos na margem direita da Tavares de Lira, numa homenagem póstuma ao desaparecido Café Cova da Onça¹¹³, que foi o tradicional reduto da “perrepada”¹¹⁴, mesmo nos dias

¹⁰⁰ Werner Grau, catarinense, funcionário do Ministério da Fazenda.

¹⁰¹ Abdula, Príncipe da Transjordânia. Realizou um acordo secreto com os judeus sionistas através do qual se apoderou, em 1948, de 22% do território da Palestina, formando o Reino da Jordânia, do qual foi o primeiro rei.

¹⁰² Alcides Varela, líder comunitário em Macaíba.

¹⁰³ Samuel de Góes, proprietário de uma joalheria à rua Dr. Barata, atual n. 204.

¹⁰⁴ Mário Leopoldo Pereira da Câmara, Interventor Federal no período de 2/08/1933 a 29/10/1935. Professor, escritor.

¹⁰⁵ Fumo Ruim (não identificado).

¹⁰⁶ Francisco Varela da Silva, fazendeiro e proprietário em Assu e Natal, construiu o segundo e terceiro edifícios da cidade (Varela e Campiolo, na avenida Duque de Caxias, em 1937). Personagem lembrado por Djalma, quando do seu exílio no Uruguai, através de seu poema “*Evocação de Natal*”: “*A quixotesta espada de Varela, à frente da milícia, / Vai, em 1932, enfrentar a rebeldia cívica dos paulistas, / Desfilando desembainhada pelas ruas.*” Organizou e liderou quatrocentos homens para lutar contra os paulistas na revolução constitucionalista de 1932, que voltaram sem lutar, por haver terminado o conflito.

¹⁰⁷ Luís Potiguar Fernandes, “Poti”, funcionário do Ministério da Fazenda, desportista, um dos fundadores da Liga dos Desportos Terrestres do RN.

¹⁰⁸ Dix-Huit Rosado Maia, médico, industrial, político mossoroense.

¹⁰⁹ Romildo Fernandes Gurgel, jornalista, político, membro do Tribunal de Contas.

¹¹⁰ João Maria Furtado, desembargador do Tribunal Regional Eleitoral, desportista, jornalista, escritor. O confronto referido se verificou no dia 26 de outubro de 1947, no interior da atual Galvão Mesquita Ferragens, à rua Dr. Barata.

¹¹¹ Loja da Dr. Barata, acima citada (ver mapa).

¹¹² Udenista: adepto da UDN, União Democrática Nacional.

¹¹³ Cova da Onça, café situado na avenida Tavares de Lira, freqüentado por políticos e autoridades (ver mapa).

agitados pela violência de Benedito Saldanha¹¹⁵ e pela virola de King Kong¹¹⁶. Os pessedistas¹¹⁷ preferem o lado contrário, aglomerando-se pela calçada da Casa Quatro e Quatrocentos¹¹⁸ e também nas imediações da livraria de João Mamão¹¹⁹. Os fanáticos seguidores de Café Filho gostam mais da Dr. Barata, e os seus bate-papos sempre se localizam nas imediações do escritório do senador Kerginaldo¹²⁰ e do Dr. Jessé¹²¹, onde pontificam Gastão¹²² e Bilé¹²³, o vereador Gouveia¹²⁴ e Laércio do Saneamento¹²⁵, contando sempre com a presença do Eliseu¹²⁶.

Quando dizemos, irmãos, que a esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata é uma autêntica universidade popular, não estamos exagerando, nem pretendendo fazer pilheria. Não resta dúvida que a cultura que você adquirir nessa universidade, é uma cultura de almanaque, superficial, em sentido horizontal. Mas o certo é que você aprende muita coisa. Fica esfarinhado na política, sabendo os cacoetes de Dutra, os fracos do Brigadeiro, as manias de Zeamérico¹²⁷, as safadezas de muita gente importante. Querendo receber uma aula de espiritismo é somente encostar-se à roda de José Anselmo¹²⁸, o conhecido Caudilho do Além, que falando sempre na segunda pessoa: TU pra qui, TU pra li, Tu pracolá, *não perde vasa* em apregoar as virtudes da doutrina de Alan Kardec¹²⁹. Para equilibrar a situação tem Hélio Galvão¹³⁰, de catecismo em punho, sofrendo a crítica dos irreverentes, ameaçando excomungar Cuquita¹³¹, pintando o inferno com as cores mais dramáticas do mundo.

Tem também as rodas dos intelectuais, dos canastrões teatrais, mas estes ficam para o próximo domingo...

¹¹⁴ “Perrepada”: “perrés”, denominação pejorativa dos adeptos do Partido Popular. Representantes da oligarquia e liderados por José Augusto, foram afastados da política pela revolução de 1930, retornando depois de 1933.

¹¹⁵ Benedito Saldanha, político, agro-pecuarista em Caraúbas.

¹¹⁶ King-Kong, apelido (originado pelo filme do mesmo nome, 1933) de um assessor de Benedito Saldanha, certamente preto, conhecido por surrar adversários de seu patrão.

¹¹⁷ “Pessedista”: adepto do PSD, Partido Social Democrático.

¹¹⁸ Casa 4000 (Lojas Brasileiras 4400), loja de brinquedos, consumida por um incêndio em 7 de fevereiro de 1950. Esquina da Tavares de Lira com Frei Miguelinho (ver mapa).

¹¹⁹ João Mamão, apelido do livreiro João Rodrigues Barbosa, proprietário da Livraria Internacional, Av. Tavares de Lira (ver mapa).

¹²⁰ Kerginaldo Cavalcanti de Albuquerque, advogado, político, orador famoso.

¹²¹ Citado pelo primeiro nome apenas, pode ser Jessé Fernandes Café, irmão de Café Filho.

¹²² Pode ser Gastão Correia da Costa, jornalista, implicado como participante da Intentona Comunista de 1935.

¹²³ Manoel Soares Filho, assuense, cafeísta exaltado, estabelecido com comércio de representações à Frei Miguelinho 81.

¹²⁴ Vereador José Gouveia, vereador, jornalista.

¹²⁵ Laércio, do Saneamento, diretor Saneamento, foi presidente do Carneirinho de Ouro. Saneamento, repartição responsável pela água e esgotos de Natal, atual CAERN.

¹²⁶ Elizeu Leite, industrial, proprietário da Tipografia Augusto Leite, na Dr. Barata, atual n. 192 (ver mapa).

¹²⁷ Presidente Eurico Gaspar Dutra, Brigadeiro Eduardo Gomes e Ministro José Américo de Almeida, políticos nacionais.

¹²⁸ José Anselmo Alves de Souza, líder espírita, diretor do Departamento de Correios e Telégrafos.

¹²⁹ Alan Kardec, escritor francês, codificador da doutrina espírita.

¹³⁰ Hélio Mamede de Freitas Galvão, advogado, escritor, historiador, professor universitário, líder católico, diretor da Faculdade de Ciências Econômicas de Natal e primeiro presidente da Fundação José Augusto..

¹³¹ Cuquita Carballo, rumbera (dançarina) cubana que apresentou no Cine Rio Grande em fevereiro-março de 1949, famosa pelo reduzido de suas vestes.

IV - Edição de 10 de abril

A esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata é também uma espécie de continuação do Teatro Carlos Gomes¹³². As conversas da “caixa” e dos camarins da velha e tradicional casa de diversões que Alberto Maranhão¹³³ fundou, são debatidas e revividas no dia seguinte entre os “iniciados”. Quando tem companhia teatral na cidade, é muito fácil saber-se porque pela esquina famosa desfila constantemente uma rapaziada “cabeluda”, com longas melenas cobrindo as orelhas, com poses de artista e mulheres às vezes muito “boas”, mas geralmente idosas e com olheiras artificiais exageradamente pintadas.

Mas esta crônica é sobre os nossos amadores, entre os quais se classificam os abnegados e também os canastrões e quase sempre as revelações das primeiras estréias, que depois mergulham nas profundezas do anonimato.

A turma do teatro é numerosa, num índice seguro de que proliferam grêmios, conjuntos, sociedades de toda espécie de amadores.

Os amadores geralmente não chegam muito cedo na Avenida. Somente depois das nove é que *dão “as caras”*. Antigamente, no tempo do Grêmio Dramático de Natal¹³⁴, sob a batuta de Amaro Andrade¹³⁵ e inspirado por Carlos Siqueira¹³⁶, uma parte do pessoal madrugava. Mas esse tempo passou e somente ficou a lembrança das performances de Rui Paiva¹³⁷ e Arlindo Cavalcanti¹³⁸, que com a melhor boa vontade do mundo e inspirados nos exemplos magníficos de Renato Viana¹³⁹ e do nosso vizinho pernambucano Waldemar de Oliveira¹⁴⁰, tentaram enfrentar a ribalta. Rui não perdeu a mania, mas *“trocou as bolas”*. Hoje é empresário, dono de um cine-teatro. Foi um canastrão consciente... Um caso diverso é o de Antônio Soares Filho¹⁴¹. Deixou o palco em plena forma para de dedicar à política e hoje é deputado estadual. Mas de qualquer maneira continua representando, teatralizando discursos.

A história do Carlos Gomes precisa ser alinhavada¹⁴². O diabo é não aparecer o biógrafo. Têm fatos notáveis, coisas impagáveis. O festival do saudoso poeta Paulo Benevides¹⁴³, que se immortalizou com o notável soneto “O Jumento”. Neste festival babilônico, tomaram parte todos os boêmios de Natal, desde os declamadores, passando pelos cantores *“ponta de rama”*, até os mais

¹³² Teatro Carlos Gomes, construção iniciada pelo governador Joaquim Ferreira Chaves; passou a se denominar Teatro Alberto Maranhão a 23 de agosto de 1957.

¹³³ Alberto Maranhão, governador no período de 1900 a 1904, inaugurou o teatro a 3 de março do último ano de seu governo.

¹³⁴ Grêmio Dramático de Natal, agremiação teatral; iniciou suas atividades em 1939.

¹³⁵ Amaro Andrade, funcionário da firma S. A. Wharton Pedrosa, participou do Gymnasio Dramático de Natal e, depois, do Grêmio Dramático de Natal.

¹³⁶ Carlos Siqueira (já descrito).

¹³⁷ Rui Moreira Paiva, pernambucano, em Natal desde a década de 1930, empresário, representante de várias companhias de navegação. Diretor de diversos jornais de Natal. Ator, um dos fundadores do Teatro Cultura de Natal, desportista, presidente do América Futebol Clube, fundador de instituições sociais. Era um dos proprietários do Cine-Teatro Rio Grande.

¹³⁸ Arlindo Cavalcanti, pernambucano, funcionário da repartição da Administração do Porto.

¹³⁹ Renato Viana, pernambucano, pertencente ao Teatro de Amadores de Pernambuco.

¹⁴⁰ Waldemar de Oliveira, pernambucano, autor teatral, musicólogo, dirigente do Teatro de Amadores de Pernambuco.

¹⁴¹ Antônio Soares Filho, advogado, político, exerceu importantes cargos no governo estadual, professor da UFRN.

¹⁴² O teatrólogo Meira Pires publicou, em 1980, a “História do Teatro Alberto Maranhão”.

¹⁴³ Paulo Emílio de Sá e Benevides, poeta lírico e humorista, publicou “Meus Versos”; boêmio, funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil.

notáveis seresteiros da cidade, realizaram um dos festivais mais divertidos do mundo. No Carlos Gomes têm se levado a efeito festivais tão ruins, charoposos até a alma, que por isto mesmo divertem mais do que as verdadeiras noitadas de arte. Milton Siqueira¹⁴⁴, vende antecipadamente toda a lotação e no dia vai para a porta do Teatro e se tem público, ele improvisa um espetáculo com a participação da assistência, modernamente, dando gargalhadas fenomenais, mangando da vida, dedicando versos aos políticos e às senhoras formosas da terra. O capítulo dos conferencistas é longo, trágico e gaiato. Certa vez um intelectual chegado dos “*cafundós do Judas*”, anunciou uma conferência. Nesta época eu trabalhava na redação da “A República” e quando, à noite, terminado o trabalho, *dei um pulo* até o Teatro. Se arrependimento matasse, tenho certeza que não estava vivo. Não houve público para o conferencista, mas o homenzinho não queria perder o seu tempo, mesmo com o sacrifício do tempo dos outros. Arrebanhou meia dúzia de “*gatos pingados*” que por curiosidade aparecera, juntou-os num canto de parede e “*mandou mecha*”, lendo uma história rocambolesca, inflamado como se estivesse falando para um vastíssimo auditório. A madrugada já ia longe quando nos revoltamos e furiosamente batemos palmas, obrigando o conferencista a encerrar a sua conversa sem fim. O poeta Targino¹⁴⁵ também deu um festival divertido e foi apresentado como o “poeta maluco da Paraíba”.

O maestro Alcides Cicco¹⁴⁶, incapaz de fazer mal a uma mosca, bonacheirão, cordialíssimo, é o diretor do Teatro e tem duas virtudes: come como um gigante e sabe preparar uma macarronada “do outro mundo”. Constantemente Alcides aparece na Tavares de Lira e sem querer e muitas vezes sem saber, é o centro de discussões furiosas. A rivalidade entre os grupos amadoristas é intensa, surda e constante. Pela frente todos se dão bem. Mas este é um mal, um vírus do próprio ambiente teatral. No Rio, na China, em Paris, na “pedra-lascada”, o passa-tempo dos astros e das “astras” é criticar “cortar” a vida do concorrente. Meira Pires¹⁴⁷, vivo, inteligente, dinâmico, assimilou no Rio de Janeiro não somente o lado bom da vida teatral e voltou com uma volubilidade terrível. Sandoval Wanderley¹⁴⁸ é uma espécie de pagé, o tuchaua do amadorismo natalense, renitente, *pé de boi, malhando em ferro frio*, sem desanimar. Quando chega no Café Globo a roda vai pouco a pouco se formando e quando acabam de discutir e resolver os mais difíceis problemas relacionados com o teatro, no plano municipal, estadual, nacional e às vezes até internacional, saem para a Dr. Barata. Então o espetáculo começa, representação “*braba*” no “*duro*”. Paulo Teixeira¹⁴⁹ fica contracenando, gestos meditados e se alguém o chama ele não volta somente à cabeça: vira o corpo lentamente, como se estivesse no palco. Nilo Siqueira¹⁵⁰, elegante, com ares de D. Juan, “*come uma corda danada*” que é o melhor galã dos nossos palcos. Zé Aguinaldo¹⁵¹ é outro maníaco, dando opinião sobre peças, repetindo passagens, dialogando, lembrando a mocidade... Urbano Brandão¹⁵² quando aparece, esquece até de doutrinar sobre o integralismo,

¹⁴⁴ Milton Homem de Siqueira, poeta com vários livros publicados, conhecido na cidade pela sua forma excêntrica de se vestir e se portar. Djalma, no já citado poema “Evocação de Natal”, quando se refere ao “*lirismo de teus poetas*.” lembra-o como “... o alucinado Milton Siqueira.”

¹⁴⁵ Descrito pelo autor.

¹⁴⁶ Alcides Brunetti Cicco, cantor lírico e professor de canto, participou de curso de canto no Rio de Janeiro; fundou e manteve diversos cursos de canto em Natal; diretor do Teatro Carlos Gomes entre 1926 a 1954.

¹⁴⁷ Inácio Gambarra Meira Pires, ator e autor teatral, escritor, empreendedor de inúmeros eventos teatrais, Diretor do Serviço Nacional de Teatro, diretor do Teatro Carlos Gomes a partir de 1954.

¹⁴⁸ Sandoval Carlos Wanderley, político, escritor, jornalista, ator e autor teatral, fundou o Conjunto Teatral Potiguar (1941) e o Teatro de Madores de Natal (1951), que encenaram muitas peças de sua autoria.

¹⁴⁹ Paulo Teixeira, funcionário da Prefeitura Municipal de Natal.

¹⁵⁰ Nilo Siqueira, advogado, mudou de residência para João Pessoa.

¹⁵¹ Zé Aguinaldo (já descrito).

¹⁵² Urbano Brandão, funcionário do Banco do Brasil, ator do teatro amador.

absorvendo-se integralmente. Hiram Pereira¹⁵³ está quase doido. Diz que não nasceu para trabalhar no comércio, etc., etc., etc., e que a sua vocação são as gambiarras. Já organizou meia dúzia de conjuntos e foi ensaiador de outros tantos. Agora vai largar as amarras, formar uma companhia. Sim, senhores, uma autêntica companhia! A culpa disto é de Pozzoli, outro maníaco que já percorreu o Brasil inteiro. A coisa parece que vai dar certo. A companhia compor-se-á de cinco elementos: Hiram e senhora e Pozzoli e senhora e filho. Hiram tem “bossa” para uma empreitada desta. Maria Célia¹⁵⁴, locutora, declamadora, pianista e artista. Pozzoli¹⁵⁵ é um cômico gaiato, divertido. Marilita Pozzoli¹⁵⁶ é um nome nacional e o filho do casal¹⁵⁷ tem de seguir a regra de filho de gato é gatinho. Hiram e Pozzoli passam horas inteiras combinando detalhes, tomando um cafezinho, enquanto *colocam os pontos nos ii*.

O mágico Aladim, que é nada mais e nada menos do que o nosso amigo Fernando Cardoso¹⁵⁸, deixou até crescer o cavanhaque, pontudo agressivo, pernóstico, para embasbacar a platéia. Manoel Andrade¹⁵⁹ que também é metido à arte mágica e que emite notáveis opiniões sobre Chang e Fu Manchu, somente respeitando Cleópatra faz sérias restrições aos trabalhos de Aladim.

O elemento feminino também dá o “*ar de sua graça*” na esquina famosa. A poetisa Clarice Palma¹⁶⁰, Didi Câmara¹⁶¹, Zete Wanderley¹⁶², Aurinha¹⁶³, Noeme¹⁶⁴, rapidamente, é verdade, também vêm ouvir o comentário da última representação ou dar um palpite sobre a encenação da próxima peça.

A grande novidade do momento, na vida teatral da cidade, é o novo empresário teatral, o jornalista Gambarra Pires¹⁶⁵. Num vai-e-vem permanente, cruzando os céus entre Natal e o Rio de Janeiro, saltando todo lépido em Parnamirim e desembarcando dias depois do Galeão, Gambarra Pires surge na Tavares de Lira, elegantíssimo, *chapéu do Chile*, daqueles da aba bem mole, magníficos brilhantes entupindo os dedos. É o empresário do filho, “o mais jovem teatrólogo do Brasil”, fazendo

¹⁵³ Hiram Pereira de Lima, jornalista, ator, fundador do Teatro de Comediantes. Eleito deputado federal em 1946, não empossado. Exerceu altos cargos na Prefeitura do Recife. Na clandestinidade a partir de 1964, preso e desaparecido.

¹⁵⁴ Maria Célia, poeta, pianista, compositora, locutora, atriz, radiatriz pioneira da Rádio Educadora de Natal (como Célia Pereira) e, depois, da Rádio Jornal do Comércio do Recife, casada com Hiram Pereira.

¹⁵⁵ José Wanderley Pozzoli, pernambucano, ator profissional de teatro desde 1927. Casou-se com Marilita, fixando residência em Natal, graças ao apoio do comerciante Álvaro Braz d’Araújo Lima (Limarujo), irmão de Marilita. De Natal partia a Companhia Pozzoli, composta de José, Marilita e os filhos Og e Jomeri, para apresentar-se em diversos Estados do País.

¹⁵⁶ Marilita (Araújo Lima) Pozzoli destacou-se com declamadora. Poeta, publicou diversos livros. O filho Jomeri responsabilizava-se pela parte musical da Companhia que encenou, entre outras peças “Os Transviados” (Amaral Gurgel) e “Deus lhe pague” (Joraci Camargo).

¹⁵⁷ Og Pozzoli é um dos filhos do casal. Economista e empresário em São Paulo, é conhecido internacionalmente pela sua coleção de automóveis antigos. Fazia, com o pai, a parte humorística das encenações da Companhia. Jomeri trabalhou na TV Globo. Aposentado, dedica-se ainda ao trabalho de dublagem para cinema e vídeo. Ambos vivem em São Paulo.

¹⁵⁸ Fernando Cardoso, ator amador, casado com Didi Câmara.

¹⁵⁹ Manoel Andrade, funcionário da Prefeitura Municipal, carnavalesco, confeccionava bonecos gigantes para blocos de carnaval.

¹⁶⁰ Clarice da Silva Pereira Palma, poeta, (publicou “Meu coração” e “Cascata de Emoções”) atriz amadora, fundou o Clube dos Sete (1953) que encenou várias peças teatrais. Radiatriz dos inícios da radiofonia potiguar.

¹⁶¹ Didi Câmara (Julita Câmara Cardoso) poeta, autora teatral, atriz com atuação no Grêmio Dramático de Natal.

¹⁶² Zete Wanderley (Maria José de Bittencourt Wanderley), atriz, participou de grande número de encenações, havendo pertencido a quase todos os conjuntos teatrais de seu tempo; radiatriz nos inícios da Rádio Poti. Era filha do teatrólogo, poeta e médico Segundo Wanderley.

¹⁶³ Áurea Barros Cavalcanti, farmacêutica da primeira turma da Faculdade de Farmácia, funcionária do Departamento Estadual de Estatística. Atriz com participação no Teatro do Estudante de Natal; radiatriz nos inícios da Rádio Poti.

¹⁶⁴ Noeme: personagem não identificado entre os participantes do teatro amador em Natal.

¹⁶⁵ Gambarra Pires, (Tibúrcio Gambarra Pires), pai do teatrólogo Meira Pires.

raiva a muita gente boa. Mussolini Fernandes¹⁶⁶, artista que sempre se encarrega de papéis de gente feia, diz que considera Tibúrcio um gênio fabuloso. E o próprio Tibúrcio não faz segredo, dizendo que a sua cabeça não é para enfeite e que o cérebro foi feito para trabalhar.

Esta crônica é uma homenagem ao Conjunto Teatral Potiguar¹⁶⁷, que hoje empossa a sua nova diretoria e comemora mais um aniversário de sua fundação.

V – Edição do dia 17 de abril

Uma das mais curiosas, movimentadas e notáveis “rodas” da esquina famosa é, inegavelmente, a dos intelectuais. Poderíamos mesmo chamar de “intelectuais conterrâneos”, no velho e sovado lugar comum do xaroposo noticiário da imprensa que não evoluiu e continua aferrada aos dogmas tradicionais de cinquenta anos passados, tão bem caracterizada pelo Barão de Itararé, o “nosso querido diretor” da “A Manhã”¹⁶⁸, dentro do lema atualíssimo de “quem não chora não mama”.

Intelectual no Rio Grande do Norte, como em quase todos os quadrantes deste imenso colosso que não há jeito de despertar, não é somente o sujeito que perpetua sonetos, escreve croniquetas, publica um livro de contos, se larga pela estrada do romance, ou *queima as pestanas* nos massudos estudos econômicos e sociológicos. Não, irmão, intelectual é na maioria o indivíduo que anda com um livro enfiado no sovaco e com um suplemento literário todo amarrotado na mão e com uma autêntica cultura de almanaque. O falso intelectual sabe meia dúzia de conceitos sobre as diversas escolas literárias e finge um sólido conhecimento das obras do trágico Dostoievski, o soberbo Turguenev, e do fabuloso Shakespeare, e vai citando de preferência os autores de nomes difíceis, a fim de evitar que algum abelhudo se meta na conversa... No jornalismo, que é uma das maiores vítimas dos “intelectuais conterrâneos”, as proporções são extraordinárias. O pobre do coitado que levou uma existência na tarefa diuturna das redações, fazendo revisão até o dia amanhecer e que depois foi promovido a repórter policial, sofrendo o diabo nas delegacias policiais e nas antecâmaras do Pronto Socorro e do Necrotério; o mal remunerado redator esportivo e o seu colega do setor do teatro-rádio-cinema, da mesma forma que o redator político, levam uma vida de cão sem dono, lutando contra a incompreensão daqueles que depois de receberem 99 elogios não admitem nenhuma crítica dos seus atos, por mais imundos que sejam; e o secretário, a velha besta de carga, sem horário para sair, sujeito às flutuações, tapando buraco; mas tudo isso não vale nada diante do jornalista por decreto, do jornalista improvisado, guindado aos mais altos e rendosos cargos, que tem um desprezo congênito pelo seu colega profissional

¹⁶⁶ Mussolini Fernandes, ator, jornalista, grande filatelista, funcionário da Previdência Social.

¹⁶⁷ Conjunto Teatral Potiguar, criado por Sandoval Wanderley em 1941, em atividade até 1951.

¹⁶⁸ Jornal do Rio de Janeiro, muito lido em Natal.

E há também os “ilustres colaboradores”, que se preocupam meses inteiros no preparo de um “estudo”, ou mesmo de um simples ensaio e que compram 100 exemplares do jornal do dia, no dia em que o mesmo é publicado e ficam “arrotando goga” uma existência inteira...

Chega de tanta conversa mole. Vamos cortar as asas da imaginação e voltar para a realidade da nossa querida Esquina.

Cascudinho, o Dr. Luis da Câmara Cascudo, nunca vem a Tavares de Lira. É um predestinado e tem uma missão a cumprir na terra, pelo menos na terra papa-jerimum... O seu lema é trabalhar, trabalhar, trabalhar, parecendo que nunca ouviu o samba famoso¹⁶⁹ ou pelo menos conhece o poema de Ascenço Ferreira, naquela parte que diz “*pernas pro ar que ninguém é de ferro.*”¹⁷⁰ Em compensação, Cascudo tem a sua própria roda, o seu mundo à parte, as suas tertúlias e em consequência disto até um Brasão instituiu. Se ainda não é um Rei, pelo menos atingiu as raízes do Baronato, tem os seus admiradores, fâmulos, dedicados, seguidores fanáticos e dia a dia o número de seus prosélitos aumenta¹⁷¹.

No Café Globo, os intelectuais tomam de preferência cafezinho pingado, isto é, misturado com leite... E as rodadas se sucedem, evitando sempre o café puro, que em demasia ataca os nervos...

O fator de equilíbrio das escolas em choque é o Dr. Américo de Oliveira Costa¹⁷². É o crítico do presente, da mesma maneira que Armando Seabra¹⁷³ foi o crítico do passado, com mais profundidade, navegando em águas mais profundas, porém menos tempestuosas. O que difere Américo de Armando é que o segundo teve uma vocação mais acentuada para satirizar, era um polemista brilhante, atrevido, florete em punho pronto para atacar, bisturi na mão procurando sarjar impiedosamente. Américo é mais civilizado, venerando a “Douce France”, ledor de Proust, enfim um “fan” ou mesmo um fanático da literatura francesa, formando com Rivaldo Pinheiro¹⁷⁴, doublé de jornalista e professor, uma dupla insuperável que foi uma trinca, no tempo que por aqui andou o tenente positivista e francófilo inveterado Lourenço Branco¹⁷⁵.

Positivamente temos dois movimentos distintos, que não se enquadram em escolas e estilos, verdadeiro neologismo... O Movimento do Pró e Movimento do Contra. A turma do Pró, como não podia deixar de ser, é mais numerosa. O Movimento do Pró é chefiado pelos rapazes (e podemos chamar quarentões de rapazes?) da revista Bando¹⁷⁶, que os irreverentes, os chamados cripto-comunistas classificam de Bando Fascista¹⁷⁷. Os bandoleiros têm um ídolo, adoram o seu ícone, que é o Dr. Cascudo e o líder é o folclorista e vereador integralista Manoel Rodrigues¹⁷⁸.

¹⁶⁹ Djalma parece referir-se ao samba “Trabalhar eu não”, de Aníbal Alves de Almeida, “Almeidinha”, gravado por Onéssimo Gomes, sucesso em 1946.

¹⁷⁰ Ascenço Ferreira, poeta pernambucano, esteve em Natal durante a administração do prefeito Djalma Maranhão. O poema referido se intitula “Filosofia” e está publicado no livro CANA CAIANA, Editora José Olympio, sem data.

¹⁷¹ Luís da Câmara Cascudo: embora pela descrição autor, possa parecer o contrário, Cascudo era freqüentador do Bar e Confeitaria Delícia (praça Augusto Severo) e outros bares da Ribeira. Decerto não aparecia pela esquina em foco.

¹⁷² Américo de Oliveira Costa, jornalista, escritor, secretário de Estado, Cônsul Honorário da França, professor da UFRN.

¹⁷³ Armando Seabra, crítico literário, publicou em 1928 “Ensaio de Crítica Literária”.

¹⁷⁴ Rivaldo Pinheiro, advogado, professor, jornalista, um dos fundadores do “Diário de Natal”.

¹⁷⁵ Lourenço Branco (não era do Estado).

¹⁷⁶ Revista Bando, revista literária publicada em Natal por Raimundo Nonato, Manoel Rodrigues de Melo, João Alves de Melo, Luís Patriota, Veríssimo de Melo e Hélio Galvão, circulou de janeiro de 1949 a dezembro de 1959.

¹⁷⁷ Bando Fascista: muitos dos colaboradores da revista “Bando” haviam pertencido à Ação Integralista Brasileira, a quem os esquerdistas consideravam fascistas.

¹⁷⁸ Manoel Rodrigues de Melo, escritor, poeta, líder católico, presidente da Academia Norte Rio-Grandense de Letras por vinte e um anos (1955 a 1976).

O Movimento do Contra, bifurca-se em duas lideranças. Antônio Pinto e José Gonçalves. Interessante é que ambos foram seminaristas. Antonio Pinto¹⁷⁹ não é, mais muita gente o considera existencialista. Graças à sua influência, dois jovens de menos de 20 anos, o poeta Joanilo de Paula Rego¹⁸⁰ e o sociólogo (a classificação vai por conta do deputado José Augusto¹⁸¹) Walflan Queiroz¹⁸², fizeram uma serenata no cemitério, declamando versos “a la Castro Alves” aos austeros mausoléus e diante das tumbas rasas, sendo por isso ameaçados de processo como profanadores de lugares sagrados... O sociólogo Walflan é dado a meditações e fica horas seguidas, sombrio e isolado, pensando ou fazendo que pensa, nas proezas de Zaratrusta, ou assimilando o pessimismo mórbido de Schopenhauer. Pinto e os seus pupilos andaram inventando modas. Não botam açúcar no café com a colher, derramando desleixadamente o açucareiro na xícara. O laço da gravata deles é diferente e mais um mundo de outras coisas semelhantes. Finalmente Pinto bancou o Graça Aranha da *jerimunlândia*, rompendo espetacularmente com Academia de Letras, pedindo “baixa” da cadeira para a qual fora eleito, dando um *shoot* na imortalidade. Preferiu ficar fazendo crônicas e versos que ninguém entende e que são os pesadelos do Comendador Chibata¹⁸³.

Zé Gonçalves¹⁸⁴ é mais equilibrado, menos agitado, porém mais dispersivo. Deputado estadual pela UDN, *arrasta uma asa* pelo Partido Socialista. Quando quer, escreve e fala bem. O seu poema de cabeceira é o “Elogio da Preguiça” do genial vate cearamirinense Juvenal Antunes, que anda peregrinando nas densas selvas amazônicas¹⁸⁵. Nas horas vagas é justamente com o folclorista Osvaldo Lamartine¹⁸⁶, ardoroso apologista da magia negra. (O repórter também é filho de Oxossi e já tem programado com Zé Gonçalves, uma macumba lá pras bandas de Mangabeira, apesar da marcação de Oto Guerra¹⁸⁷ contra a religião afro-brasileira...)

Veríssimo de Melo¹⁸⁸ já foi da turma do Contra, mas, atualmente, assentou praça no Bando do Pró. Em compensação vive mais prestigiado nas altas esferas, escrevendo assuntos sisudos, mas deixou de ser o cronista numero um da cidade, o nosso Álvaro Moreyra, alegre, brilhante com uma legião de leitores, escrevendo o Boa Tarde¹⁸⁹, centro de comentários.

Lenine Pinto¹⁹⁰, em quem muitos poucos acreditavam, meteu-se com Dalton Trevisan, revista “Joaquim”, lá de Curitiba e hoje publica as suas “*mechas*” nos suplementos literários, nas

¹⁷⁹ Antônio Pinto de Medeiros, advogado, professor do Atheneu, poeta, jornalista, crítico literário.

¹⁸⁰ Joanilo de Paula Rego, jornalista, poeta, advogado, com atividade no Ministério Público do Estado. É confirmada a serenata feita no interior do Cemitério do Alecrim; depois de uma farra e cansados do trivial, os boêmios enveredaram por uma variante inusitada. Tal aventura resultou em ruidoso processo, amplamente coberto pela imprensa, pois Joanilo era Promotor Público. O processo foi arquivado. Além de Joanilo e Walflan, participou o estudante José Geraldo Bezerra, hoje dentista em Acari.

¹⁸¹ José Augusto Bezerra de Medeiros, advogado, professor, escritor. Como político, exerceu os mais diversos mandatos. Governador o Estado de 1924 a 1928.

¹⁸² Walflan Queiroz, bacharel pela Faculdade de Direito do Recife; dedicado inteiramente à poesia publicou: “Fonte da Salvação”, “O Tempo da Solidão” e “O livro de Tânia”.

¹⁸³ Não foi possível identificar quem era o Comendador Joaquim Chibata. Assinava a seção “Resenha Literária”, publicada aos domingos no caderno literário de A REPÚBLICA, no primeiro semestre de 1949, não continuada no segundo.

¹⁸⁴ José Gonçalves Pires de Medeiros, seridoense, bacharel em Direito, político, diretor do jornal “A República”, jornalista, intelectual destacado nas décadas de 1940-50.

¹⁸⁵ Juvenal Antunes, nascido em Ceará-Mirim, bacharel em Direito, poeta, publicou “Cismas”, em 1908. Transferiu-se para o Amazonas onde faleceu. Era patrono de uma cadeira da Academia Potiguar de Letras.

¹⁸⁶ Osvaldo Lamartine de Faria, agrônomo, poeta, escritor, folclorista, estudioso dos costumes sertanejos.

¹⁸⁷ Oto de Brito Guerra, advogado, líder católico, jornalista, escritor.

¹⁸⁸ Veríssimo Pinheiro de Melo, advogado, jornalista, escritor, folclorista de renome nacional.

¹⁸⁹ “Boa Tarde”, crônica de Veríssimo de Melo no Diário de Natal, publicação iniciada em 1943.

¹⁹⁰ Lenine Barros Pinto, iniciou sua carreira literária nos anos 1940, publicando em jornais de Recife e Natal; escritor, historiador.

páginas de honra e acima de tudo ilustradas. João Batista¹⁹¹ é o novo que se não bromar e se não deixar empolgar pelas palestras do Café Globo, será um poeta de mão cheia. Os seus versos em ritmo, sonoridade, cadência, enchem as medidas. Luis Maranhão Filho¹⁹², absorvido pela “*linha justa*”, nunca mais produziu. Poderia muito bem continuar a série de estudos que sob o título de os “*Simples*”¹⁹³, iniciou na época em que era redator-chefe de “*A República*”. O poeta Cosme Lemos,¹⁹⁴ andou um tempão compenetrado de que deputado não devia se meter em rodas literárias. Mas ultimamente voltou a declamar com ênfase, braços soltos, estrofes de Bilac e versos de Raul de Leoni. O professor Nonato¹⁹⁵ ainda não se ambientou, apesar de andar escrevendo *pelos cotovelos*. Ainda está “*arisco*”. O poeta Jaime dos G. Wanderley¹⁹⁶ ainda é o rei da modinha, o improvisador de galanteios, pensando, naturalmente, na segunda juventude, porque a vida começa depois dos 40...

Mas na Dr. Barata, na frente da Livraria Cosmopolita, reúne-se, todas as tardes, uma turma de primeira grandeza, de homens sérios, bem instalados na vida, figuras de proa nas letras e na sociedade natalense. O mais assíduo é o Dr. Nestor Lima¹⁹⁷, advogado famoso, presidente do Instituto Histórico, membro de todas as sociedades literárias da terra. Ali também assinam o ponto os juristas de notável saber, austeros desembargadores. Na Livraria Internacional¹⁹⁸, de João Rodrigues¹⁹⁹, depois de uma rápida passagem na Loja de Livros, de Santana²⁰⁰ e na Agência de Luis Romão²⁰¹, reúne-se a turma mais moça. Lá você encontra todas as tardes Alvamar²⁰², João Maria, Lauro Pinto²⁰³ e muitos outros. A Livraria Lima, de João Nicodemos de Lima²⁰⁴, não é somente um ponto de intelectuais, como também de estudantes. O interessante na Livraria Lima é que em baixo da parte que fica à vista do freguês, a desarrumação é tremenda, enquanto no primeiro andar existe ordem. Mas a freguesia da Livraria de João Nicodemos é principalmente ao “*sebo*” de livros velhos lá existente, onde você encontra obras de real valor, misturados com aranhas caranguejeiras...

¹⁹¹ João Batista de Melo Pinto Neto, funcionários dos Correios; transferindo-se para Recife, tornou-se professor universitário; iniciou suas atividades literárias no Diário de Natal, em 1948.

¹⁹² Luís Maranhão Filho, irmão de Djalma, jornalista, professor, político de esquerda, preso e desaparecido durante o regime militar de 1964.

¹⁹³ Crônicas de Luís Maranhão Filho em “*A República*”, 1944.

¹⁹⁴ Cosme Corsino de Lemos, poeta, político, ex-prefeito de Martins, funcionário dos Correios e Telégrafos.

¹⁹⁵ Certamente Raimundo Nonato da Silva, ex-retirante da seca, diplomado professor pela Escola Normal de Mossoró, professor, jornalista. Advogado, aposentou-se como juiz de direito. Assessor da Diretoria do Ensino Comercial do MEC no RJ. Escritor de numerosas obras.

¹⁹⁶ Jaime dos Guimarães Wanderley, farmacêutico, poeta, jornalista, teatrólogo, autor de novelas radiofônicas, ex-presidente do Clube da Poesia de Natal.

¹⁹⁷ Nestor dos Santos Lima, professor, advogado, escritor, historiador, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN.

¹⁹⁸ Livraria Internacional, já localizada.

¹⁹⁹ Ver João Mamão, já citado.

²⁰⁰ Loja de Livros, na Dr. Barata (ver mapa), pertencia a Henrique Santana.

²⁰¹ Agência Pernambucana, localizada na Avenida Tavares de Lira, misto de livraria e banca de jornais e revistas. Seu proprietário, Luís Romão de Almeida instalou, em janeiro de 1938, o “*Indicador da Agência Pernambucana*”, primeiro sistema de alto-falantes da cidade, antecipando-se à chegada da radiofonia (ver mapa).

²⁰² Alvamar Furtado de Mendonça, advogado, juiz do trabalho, desportista, escritor, professor da UFRN.

²⁰³ Lauro Pinto, jornalista, poeta, advogado, Juiz de Direito de diversas comarcas, escreveu “*Natal que eu vi*” (1971).

²⁰⁴ Livraria Lima, rua Dr. Barata (ver mapa), pertencia a João Nicodemos de Lima, patrono da coleção que está sendo publicada pelo “*Sebo Vermelho*”.

VI – Edição de 15 de maio

Uma prova de que estas despreziosas reportagens despertaram algum interesse, é o fato de que recebemos elevado número de pedidos pra que continuássemos o nosso filme seriado sobre a esquina da Tavares de Lira com a Rua Dr. Barata. Parodiando a Hora do Pato²⁰⁵, podemos dizer: se os leitores preferem a reportagem, pra que discutir com os leitores? Chega, porém, de cabotinismo e vamos “*meter os peitos*”, contar uma história qualquer, escolher no meio do burburinho um assunto e que o mesmo seja sério ou trivial. Não interessa, porque o que nos preocupa é jogar um punhado de fatos reais, escritos com vivacidade, na focinheira do leitor... Os erros de português ficam pra o professor Aureliano Medeiros²⁰⁶ corrigir na segunda-feira, todo circunspeto, aconselhando mais cuidados nas crases, e na colocação dos pronomes. Se as coisas melhorarem e se o “nosso querido diretor” resolver aumentar o salário do repórter, seria interessante contratar o professor Aureliano para corrigir estas crônicas... Teríamos, então, páginas dignas de antologias, no mais puro estilo camoniano, chatíssimas, massudas, sonolentas...

Natal a cidade melhor do mundo

A cidade melhor do mundo para se divertir é Natal. Somos a encruzilhada dos continentes, a esquina do globo, debruçada para o Atlântico, olhando para a Europa. Adquirimos os vícios e as virtudes, principalmente os vícios que os norte-americanos nos ministraram quando por aqui andaram no tempo da guerra contra as bestas nazi-fascistas. A mocidade aprendeu a mascar chiclete; alguns homens de negócio especializaram-se no câmbio negro. Mas apesar de tudo isto e de mais alguma coisa que não é conveniente dizer, continuamos a julgar Natal a melhor cidade do mundo, com licença, é verdade, de Mossoró, terra de Baraúna, herói lendário que nunca brigou na guerra do Paraguai e cuja frase tornada celebre pelos historiadores, na hora da morte: “Minha mãe. Mossoró”, nunca foi pronunciada.

O desfile da onça

Faz dois dias que encontramos na esquina famosa, trepada numa carroça de mão, uma autentica onça pintada. Quando nos aproximamos, meio acovardado, verificamos que era um simples couro de onça, cheio de capim. Ao lado um negrão de quase dois metros de altura, gordo como um suíno, com o busto enrolado num couro de cobra jibóia e com uma espingardinha “pica-pau” a tiracolo, num contraste frisante com o seu físico, bancava o caçador e distribuía prospectos de uma casa comercial. A onça findou virando Judas em dia de sábado de Aleluia. Mas esta historia da onça, não quer dizer que Natal é uma cidade de *Amigos da Onça...*

Zé Areias²⁰⁷, o homem que vendeu morcegos aos americanos.

Em nosso observatório, assistimos de tudo um pouco. Esta semana, às onze horas, quando o comércio cerrava as portas para o almoço, desabou uma chuva torrencial. Não temos nada com a chuva e em matéria de inverno, somos neutro, pois não queremos encencas com os sertanejos que desejam chuva para plantar suas lavouras e tampouco desejamos

²⁰⁵ Hora do Pato, programa de calouros transmitido pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

²⁰⁶ Aureliano de Medeiros Filho, jornalista, professor, gramático, autor de livros sobre a língua portuguesa.

²⁰⁷ Zé Areias (José Antônio Areias Filho), barbeiro em diversos locais (na Tavares de Lira, na Travessa Venezuela, ver mapa), boêmio, carnavalesco. Irreverente, muitos episódios em que se envolveu pertencem ao folclore de Natal.

complicação com os donos de olaria, fabricantes de telhas, tijolo, cal e fazedores de carvão, inimigos do inverno, que atrapalha os seus negócios... Mas a chuva neste dia nos interessou, pelo simples fato do barbeiro Zé Areias haver tirado o paletó e a camisa e nu da cintura pra cima, tomar um autêntico banho de chuva, daqueles que nos fazem recordar a meninice. E Zé Areias, satisfeito, sapateando, resfolegando, corria de um lado para o outro, até que encontrou o esgoto da sapataria A Fidalga²⁰⁸ arrebetado, metendo-se de baixo do cano furado, tomando um banho formidável, que pelo menos serviu para curtir a ressaca... Este Zé Areias tem uma historia interessante. Em plena guerra quase ficou rico. Aprendeu meia dúzia de palavras da língua inglesa e com seu gênio folgazão, tornou-se o barbeiro preferido dos norte-americanos. Os gringos não conheciam a moeda brasileira e pagavam em dólares. Davam geralmente cinco, dez e às vezes vinte dólares, por uma barba ou um cabelo. O dólar vale dezoito cruzeiros e o leitor se encarregue de fazer as multiplicações. Um dia Zé Areias achou de mudar de profissão. Barbeiro era um trabalho pesado, estafante, diuturnamente com a navalha ou a tesoura na mão... Virou comerciante. Passou a negociar com os americanos, vendendo pássaros e bugigangas regionais. Vendia principalmente sagüis e papagaios. E os rapazes do Tio Sam, recendendo a wiskey, perambulavam pela cidade, com um sagüi ao ombro, amarrado pela cintura com um cordão, ou com um papagaio no dedo, preso pelo pé com uma corrente. Certa vez a procura foi maior que a oferta. Os marujos e os fuzileiros, querendo esbanjar dinheiro, procuravam incessantemente aves de fauna potiguar. Zé Areias desdobrou-se, mas não deu conta do recado. Não se deu por vencido, entretanto, e autorizou que os seus caçadores lhe trouxessem um punhado de morcegos. Sim, senhores, morcego *no duro!* E foi um sucesso. Zé Areias explicava no seu inglês de “*meia tigela*”, que aquele bichinho era o que havia de mais notável e interessante...

As proezas de Zé Areias dão pra encher um livro, um verdadeiro romance... Certa ocasião, depois de uma farra tremenda, saiu com os norte-americanos, rumo à base de Parnamirim, cantando “To you”²⁰⁹ e não se sabe como, foi empurrado para dentro de um avião. Quando acordou estava em Dakar... Naquela época nada menos de trezentos aviões decolavam diariamente de Parnamirim, rumo ao continente negro, a fim de derrotar as panzer-divisões de Rommel e preparar a abertura da segunda frente. Foi uma trabalhadeira dos *seiscentos diabos* para se esclarecer que Zé Areias não era um desertor, pois a principio as autoridades militares julgavam que se tratava de um norte-americano filho de português, residindo em alguma colônia que não queria seguir para o front.

Até no carnaval natalense Zé Areias tem *pintado o sete*. Começou como a Princesa da Xiranha, desembarcando festivamente no Cais Tavares de Lira, desfilando pela cidade, seguida pelos blocos e cordões carnavalescos, passando na Esquina Famosa.

No ano seguinte foi promovido a Rei Momo, mas tomou porres tremendos e não manteve a dignidade de um verdadeiro soberano e foi destronado por Zé Herôncio²¹⁰, que depois perdeu o cetro para Aureliano²¹¹, que em vez de Primeiro e Único²¹², será simplesmente Primeiro e Último, conforme propaga Arlindo Cavalcanti...²¹³

²⁰⁸ Sapataria “A Fidalga”: tudo indica que Djalma se enganou, pois esta sapataria se localizava na Cidade Alta. Na Dr. Barata havia diversas sapatarias. Qual teria sido a do banho na chuva de Zé Areias?

²⁰⁹ “To you”, música americana, popular na época.

²¹⁰ José Herôncio de Melo, boêmio, carnavalesco, poeta, funcionário do Ministério da Fazenda.

²¹¹ Aureliano de Medeiros Filho, já citado.

²¹² Qualificação dada, em geral, aos reis momos.

²¹³ Arlindo Cavalcanti (já citado).

As histórias de Zé Areias multiplicam-se, ganhando o domínio público, ou os domínios do folclore, como diria Veríssimo de Melo.

Conta-se, e o próprio Zé Areias confirma, que viajando certa vez em um dos bondes do Alecrim, deu sinal para o ferruginoso tranvia parar. O motoneiro²¹⁴, porém, não ouviu o toque da campainha. Zé Areias, então, levantou-se e solenemente de pé, deu um berro: “Motoneiro! Para o bonde para saltar um ...”

Dentro do veículo, a princípio, houve um momento de surpresa, que depois se transformou numa gargalhada geral. O motoneiro freou o bonde, imediatamente, antes, mesmo da próxima parada.

Zé Areias saltou calmamente e dirigindo-se num gesto largo, para o bonde, autorizou:

– Motoneiro, agora pode levar o resto! ...

Desta vez ninguém riu...

²¹⁴ Motoneiro: condutor de bonde.

VII – Edição de 29 de maio

Sandoval Pinheiro Cavalcanti. Nome de nobre, descendente dos Cavalcanti com TI, digno de um estudo genealógico do historiador Helio Galvão. Sim, meus irmãos, Sandoval, ou melhor, Timoschenko, é o homem do dia, permanentemente na berlinda, bancando o *bicho danado* o importante, com uma pasta do “*tamanho de um bonde*” debaixo do sovaco, tomando café no Globo *entrançando pernas* o dia todo na Tavares de Lira e na Dr. Barata.

Vamos *devagar com o andor*. Começar a historia do princípio...

De onde surgiu o apelido Timoschenko? O repórter vai explicar, em virtude de saber o caso *tim-tim por tim-tim*... Estávamos em plena guerra. O marechal Timoschenko brilhava nas manchetes dos jornais, formando juntamente com Mac Arthur e Montgomery, o trio dos heróis.

Uma bela tarde, o repórter que na época era orador obrigatório em todos os comícios contra o Eixo e pela Democracia, e abordado por um cidadão que cordialmente se apresenta: Sandoval Pinheiro Cavalcanti e num tom incisivo: Timoschenko. Tinha a cabeça raspada feito um guerreiro soviético, sua mão pesava como chumbo e seu aperto de mão pressionava como uma tenaz. Continuando a conversa explica que procurara o repórter por indicação de um amigo do mesmo, residente em não me lembro qual o Estado. Não importa o nome nem o Estado, pois o repórter tem “amigos da onça” no Brasil inteiro... Conversamos diversas vezes e vim a saber que o saudoso General Rabelo o protegia da encrenca que teve com o ministro da Marinha em virtude de ter falado pessoalmente com o caudilho Vargas, pedindo sua inclusão na Força Expedicionária.

Nesta época, duas coisas constatei no meu amigo Timoschenko: músculos de ferro e uma garganta de aço. Sim, os seus gritos eram maiores do que os *urros de Tarzan*...

Passaram-se os tempos. Veio a campanha política. Timoschenko deu baixa do Corpo de Fuzileiros e rumou para o sertão, ancorando em Pau dos Ferros. Tornou-se *espíquer* da amplificadora local e passou a militar nas hostes do PSD, apontando os Nunes, seus parentes, com os quais rompeu ruidosamente depois. Vitorioso o PSD na campanha estadual, veio para a capital fazer jus a um emprego pelos serviços prestados.

No auge da campanha política, Nelson Negreiros²¹⁵, hoje cidadão direito, andou ameaçando esbofetear um seu parente. Chegando a Natal procurou Nelson em plena rua Dr. Barata, *abafando a banca*. Era o homem do dia. Todos o apontavam. O repórter estava no Café Globo, no seu clássico ponto de observação, quando ele passou. Alguém disse: Aquele é o Sandoval, o tal da encrenca com Nelson. O repórter instintivamente falou: sei quem é e chamou alto: Timoschenko! Ele voltou e contou o fato.

Enquanto não chegava a nomeação para o emprego, o nosso amigo registrou a sua carta de valente. Esmurrou um farmacêutico no grande ponto e na Ribeira deu uns sopapos num funcionário da polícia. Não tirou a conta certa com o velho ranzinza Amaro Magalhães, que cercado pelos filhos, que parecia mais um cardume de piranhas, recebeu cordiais satisfações.

A batalha do judiciário tinha chegado ao ponto culminante. O Tribunal Eleitoral parecia mais uma praça em guerra. Os advogados da coligação, comandados pelo Dr. Djalma Marinho e acolitado por Tibúrcio Gambarra viviam momentos dramáticos, acossados pelos causídicos pessedistas Manoel Varela e Claudionor de Andrade²¹⁶, enquanto Aguinaldo Simoneti arquitetava planos diabólicos. A notícia de que um volumoso e documentado recurso da coligação ia ser interposto pelo Dr. Djalma, assanhou os arraiais políticos. Confirmando as suspeitas, naquele dia a pasta do manhoso advogado estava *“esborrachando”*. Explodiu, então a bomba atômica. Minutos antes do início da sessão do Tribunal Eleitoral, a pasta havia desaparecido. O burburinho foi *do outro mundo*. Gritos, protestos, risinhos amarelos. Almas de uns angustiados, enquanto os corações de outros pulavam de satisfação. Protestos solenes, mas sem nenhum efeito prático.

Depois, bastante tarde, quando o manto negro da noite amortalhava a cidade, é que se esclareceu o fato: Timoschenko, cumprindo cegamente ordens superiores, como se fora um fanático soldado japonês, havia levado a pasta, atrapalhando assim, as manobras da coligação. Tempos depois jactanciava-se de haver decidido o pleito...

Surge o líder político

A política sempre foi a vocação do nosso já ilustre personagem. Um dia *“bateu a linda plumagem”* e foi ao Rio de Janeiro, a procura de remédio para a saúde e também de um emprego melhor. A Câmara e o Senado estavam em pleno funcionamento. Sentido-se atraído, passou a gravitar na órbita do partido de Vitorino Freire²¹⁷.

Voltando para Natal, chegou em Parnamirim de avião, todo importante.

No dia seguinte, logo muito cedo, estava lépido e fagueiro na Esquina Famosa.

O primeiro conhecido que o saudou, tratando-o vulgarmente de Timoschenko, *levou um “tesa”*, ficando certificado de que o referido apelido era coisa do passado. Atualmente era um homem com grandes missões a cumprir, um líder político, arrematando as massas, fundador de um partido e que deveria ser tratado pelo seu verdadeiro nome.

Nova Viagem ao Rio

²¹⁵ Nelson Fernandes de Negreiros, advogado, transferiu-se para João Pessoa onde faleceu como desembargador.

²¹⁶ Claudionor Telógio de Andrade, advogado, político, prefeito de Natal, professor da UFRN.

²¹⁷ Vitorino Freire, político da área nacional.

As notícias chegavam do Rio de Janeiro, freqüentemente, falando nele. Aqueles que regressavam da metrópole informavam da importância do homem. Houve mesmo, quem indagasse se Sandoval Pinheiro Cavalcanti era influência política em três municípios do Oeste, deputado estadual, caudilho sertanejo.

E eis que ele regressa. Desta vez surge mais desembaraçado, conversando bonito, usando vastos óculos “*Ray-Ban*”, cabelos *glostorados*.

Insinua a sua intimidade com os mais respeitáveis votos da política nacional, desde o general Góis Monteiro, que ele trata familiarmente de Góis, até os mais categorizados líderes do Senado e da Câmara, inclusive Barreto Pinto²¹⁸, de quem recebeu inúmeras lições de ética parlamentar.

Doutor Para Todos os Efeitos

Muita gente *deu “cavaco”*as o jeito que teve foi suportar. Da pasta volumosa e dos bolsos sempre abarrotados de papéis, retirava enfaticamente uma vasta documentação: diplomas, registro em cartório, fotografias, certidões, tudo direitinho, encaixado no ultimo ponto.

Os “*filhos da Candinha*” falavam que nunca se viu tirar-se um diploma de Economista em três meses. O Dr. Sandoval explica a historia direitinho, colocando os pontos nos ii.

Jurandir Sitaro²¹⁹, presidente do conselho de contabilidade, Monte²²⁰, do Banco do Brasil e o Lins²²¹, do Instituto e os demais membros deste órgão, pretendem exigir a apresentação do diploma, a fim do mesmo ser devidamente registrado. O Dr. Sandoval disse ao repórter que o seu curso é de grau superior, enquanto que o Conselho é de grau secundário, não tendo poderes para exercer nenhuma atividade sobre a profissão. Mesmo que tivesse de apresentar o diploma, remeteria uma *cópia fotostática*, ou uma pública forma, resguardando-se de qualquer sabotagem...

Logo que a Câmara regulamente a profissão de economista, o Dr. Sandoval será o *bamba* em assuntos econômicos em nossa terra. Os advogados que se precavenham, pois daí em diante falências, concordatas, contratos, distratos, etc., será com o Dr. Sandoval.

Balançaram o galho da Universidade...

O Rio Grande do Norte era um dos poucos Estados do Brasil, aonde não existiam escolas superiores. Somos uma terra engraçada. *Oito ou oitenta*. Agora vamos ter uma autêntica Universidade! Sim, senhores, as faculdades estão surgindo como cogumelos. Primeiro foi a de Farmácia e Odontologia²²², instalada *como sardinha em lata* no prédio do Ateneu²²³, com o Dr. Ramires²²⁴ todo onipotente restringindo a locomoção dos professores do

²¹⁸ Políticos da área nacional.

²¹⁹ Jurandir Sitaro, funcionário da Fazenda Federal.

²²⁰ Monte (?), cearense, funcionário do Banco do Brasil.

²²¹ Lins (?), do Instituto, funcionário da repartição que no momento corresponde ao INSS.

²²² Faculdade de Farmácia e Odontologia, criada a 3 de fevereiro de 1948, iniciou suas atividades em março de 1948.

²²³ Prédio do Atheneu: lamentável e desnecessariamente demolido em 1954. Destruiu-se um patrimônio histórico, construindo-se no local um prédio “moderno”, onde se instalou a Faculdade de Farmácia e Odontologia (1956) e, depois, a Secretaria Municipal de Finanças.

velho educandário... Esta faculdade teve a sua fase movimentada com a polêmica do Dr. João Leandro²²⁵, misto de médico-dentista-comerciante, contra os dirigentes do Centro Acadêmico, chefiado por Madruga Politiqueiro²²⁶ e Paulo Cafôfa²²⁷. Surgiu depois a idéia da Faculdade de Direito²²⁸, cujo corpo docente Carlos Augusto nomeou antecipadamente... Existe também o propósito de transformar a escola agricultura, que o Dr. Enock Garcia²²⁹ instalou no campo de Jundiá, numa Faculdade de Agronomia.

Neste ambiente verdadeiramente universitário, o Dr. Sandoval não perdeu tempo. Trepou-se nas asas de um avião e zarpou para o Rio de Janeiro.

Na capital Federal confabulou até com o diabo e chegou à presença (conforme insinua) do todo poderoso Pereira Lira.

Quando regressou trazia devidamente registrado no cartório do nono ofício, sob o numero G-6.196 do livro 517, os Estatutos da Faculdade de Ciências Econômicas de Natal.

Aqui chegando não se demorou em publicá-lo no Diário Oficial, inscrevendo-os no Cartório de Nezinho Procópio²³⁰, sob o numero 121, no livro A-1.

Estava registrada a Faculdade! Era uma verdadeira bomba atômica explodindo nos arraiais do professor Ulisses de Góis²³¹, que há mais de dez anos vem lutando para transformar a Escola do Comercio num estabelecimento de ensino superior. Até o terreno para a construção do prédio, o professor Ulisses conseguiu. Tudo foi previsto, menos que surgisse na arena o famoso Timoschenko, desculpe, Dr. Sandoval...

Uma verba. De quinhentos; Uma verba de quinhentos mil cruzeiros

Conversava-se na Esquina Famosa, sobre assuntos diversos, quando Humberto Nesi²³², contador seccional de uma repartição federal qualquer, deu a noticia sensacional: no orçamento da Republica, existe um crédito de Cr\$ 500.000,00 para a instalação de uma Faculdade de Ciências Econômicas, na cidade de Natal!

O Dr. Sandoval trabalhou com a cabeça e usou o crânio...

O professor Ulisses fez força, suou a camisa, "*mexeu com os pauzinhos*", conseguiu a Câmara votar o crédito. Preparou o "bocado" para o Dr. Sandoval passá-lo no papo...

²²⁴ Dr. Adolfo Peres Machado de Souza Ramires, médico pernambucano radicado em Natal em 1922. Pioneiro da oftalmologia no Estado, ex-diretor do Departamento de Saúde Pública do Estado, primeiro diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia.

²²⁵ Dr. João Leandro, médico e dentista, proprietário de uma loja de artigos domésticos na rua Presidente Bandeira.

²²⁶ José Coutinho Madruga, vice-presidente do Centro Estudantal Potiguar, havendo assumido a presidência. Político estudantil ativo, fazendo jus ao apelido citado no texto. Cafeísta arrebatado, advogado.

²²⁷ Paulo Garcia de Oliveira, diplomado na 1ª turma do curso de Farmácia (1951), farmacêutico e professor da UFRN. Remador do Sport Club de Natal e torcedor do América. Abandonou o Partido Comunista Brasileiro por volta de 1947, na mesma época em que também o fez Djalma. Perseguido político na fase subsequente a 1964.

²²⁸ Faculdade de Direito, criada a 15 de agosto de 1949. A presente crônica foi publicada a 29 de maio do mesmo ano.

²²⁹ Enock do Amorim Garcia, macaibense, diretor da Escola Agrotécnica de Jundiá.

²³⁰ Manoel Procópio de Moura, pernambucano, em Natal a partir de 1939, tabelião do 1º Cartório Judiciário, estabelecido à rua Vigário Bartolomeu n. 606.

²³¹ Ulisses Celestino de Góes, líder católico, professor, fundador da Escola Técnica de Comércio de Natal, (1919) da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais, (1962) do Instituto de Assistência aos Cegos, Surdos e Mudos (1951). Jornalista, fundou os jornais "A Ordem" (1935) e "A Verdade".

²³² Humberto Nesi, funcionário da Fazenda Federal, desportista.

Não compreendemos porque o professor, dispendo de forças imensas, como sejam “A Ordem”²³³, a Caixa Rural²³⁴, organizações diversas, ainda não lançou suas baterias inquisitoriais contra o famoso economista. O Dr. Sandoval diz que tem *costas quentes*. Estará “blefando”? Não seria interessante pagar para ver o jogo.

O Catecismo do Pot

O Dr. Sandoval é uma maquina de fala ambulante. Passa o dia inteiro conversando, doutrinando, procurando adeptos para o Partido Orientador Trabalhista, um partido inventado por uns boas-vidas no Rio de Janeiro, que deseja superar o do senador Vitorino no apoio incondicional ao presidente da República.

Eis o catecismo que o Economista anda declamando pelos quatros cantos da cidade:

Catecismo da Democracia

Democracia – é o – Credo das Liberdades!
 Democracia – é o – Padre Nosso das nossas ambições!
 Democracia – é a – Ave Maria da nossa dignidade!
 Democracia – é o – Confiteor dos nossos erros!
 Democracia – é a – Esperança na Grandeza Humano-Pátria!
 Democracia – é a – Fé nos Divinos destinos Universais!
 Democracia – é a – Caridade do nosso forte afeto para com os fracos, livres!
 Democracia – é a – Confissão pública dos nossos pecados administrativos!
 Democracia – é a – Síntese de todas as Liberdades, conscientes e morais!
 Democracia – é o – Partido Orientador Trabalhista (P.O. T.)!
 Democracia – é – 3 de Maio de 1500!
 Democracia – é o – Brasil!
 Democracia – é – Deus!

Até onde irá o economista Sandoval?

Dante de Melo Lima²³⁵, irreverente líder de Partido Socialista, diz que na marcha em que o Brasil vai, o Dr. Sandoval dentro de dez anos será senador, governador ou coisa maior.

Ele mesmo gosta de se intitular o Vitorino Freire norte-rio-grandense. Capote Molhado²³⁶ começou assim e hoje é um dos esteios do coronel Barata²³⁷, ocupando a prefeitura de importante município paraense.

O Dr. Sandoval, de uma coisa fiquem certos, não está agindo por conta própria. Dinheiro não lhe falta. Alguém (uma cousa misteriosa como série cinematográfica) está instruindo-o, orientando-o.

²³³ A Ordem, jornal de orientação católica fundado pelo professor Ulisses de Góes em 1935, circulando até 1953. Em seu lugar, criou a Fundação Padre João Maria (1987) que, no momento, publica o jornal “A Verdade” (ver mapa).

²³⁴ Caixa Rural e Operária de Natal, fundada em 1926 pelo professor Ulisses de Góes, transformou-se em Cooperativa Central de Crédito Norte-Rio-Grandense, em atividade até 1971 (ver mapa).

²³⁵ Dante de Melo Lima, advogado, desportista.

²³⁶ Capote Molhado, apelido do mossoroense Pedro Artur da Silveira Martins.

²³⁷ Coronel Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, Interventor Federal no Pará.

VIII – Edição de 5 de junho

O CONDE MANÉ LUÍS DO LUXEMBURGO VIVE FELIZ DENTRO DA SUA IMENSA MANIA DE GRANDEZA

A mania de grandeza é uma doença coletiva. Todos sonham de olhos abertos e duvido que apareça alguém que honestamente negue que nunca “*falou sozinho*”, numa dialogação

movimentada, improvisando um discurso, dizendo uns desaforos que ficaram engasgados na garganta, fazendo uma declaração de amor, chorando as mágoas de um mal negocio ou simplesmente evocando romanticamente páginas murchas do passado... Um médico psiquiatra, todo pernóstico e de *pince-nez*, dirá doutoralmente que isto é começo de loucura. Alguém já disse que o Brasil é um vasto hospital e se formos seguir o diagnóstico do psiquiatra, dentro da realidade, poderíamos dizer que este vasto hospital está lotado de doentes mentais...

Os exemplos se multiplicam. Raros são os que se conformam com as profissões e com os postos que ocupam. O cabo da esquadra imagina-se general, o humilde vereador sonha com as cômodas poltronas da Câmara de Deputados. O burocrata de uma repartição qualquer do ministério X, empavona-se com ares de chefe de secção. O contínuo não quer andar fardado e tem pose de escriturário. Assim é a vida com as suas deformações, dentro das estúpidas convenções sociais, que nos obrigam, por exemplo, num clima tórrido como o nosso, a andar *enfarpelado* de *casimira*, enforcado com colarinho e gravata, passeando todo lampeiro pela Esquina Famosa...

O Conde Mané Luis de Luxemburgo²³⁸ teve um antecessor

Não é a primeira vez que surge na cidade um tipo popular, fazendo despertar as atenções, interessando a população, servindo de curiosidade.

Na época da guerra surgiu o “Brigadeiro”, também conhecido como “Sargent”²³⁹. Tinha mania de ser aviador e andava todo enfeitado, usando os mais variados tipos de bonés, todos com o emblema da aviação, envergando uma túnica de fuzileiro norte-americano, sempre repleta de “fitas” e galões.

Surgiu na cidade como um bôlido, *fazendo furor*, batendo continência, metendo-se por toda parte, chateando a paciência do próximo...

O mais interessante era que o “Brigadeiro” não passava de um surdo-mudo. Falava por intermédio de mímicas. Perambulava dia e noite pelos bares e restaurantes, freqüentando, principalmente, os pontos aonde predominava o elemento yankee. O delegado de Ordem Política e Social, nesta época, era o Dr. Arquimedes Dantas²⁴⁰, vocação nata de Sherlock. Imediatamente suspeitou que o “Sargent” fosse um perigosíssimo espião internacional. As suspeitas multiplicavam-se. Alguém o tinha visto falando em inglês com um marujo do Tio Sam. Outro o observava em colóquios com um alemão suspeito. No final de contas, o pobre “Sargent” estava transformado num verdadeiro poliglota, dominando meia dúzias de línguas com desembaraço. E numa madrugada friorenta a “*canoa*” policial “*encanou*” o Sargent, que com grande aparato bélico ficou trancafiado no xadrez, com sentinela a vista...

O interrogatório demorou dias, pois o pobre diabo ficou sendo observado e constantemente interpelado. Queriam saber de suas ligações com Berlim, as notícias que mandavam para o programa Salada Mista, o local onde estava localizando a radio transmissora... Um dia cansaram de interrogar. O famoso comissário Meira Lima²⁴¹ chegou á conclusão “*batatal*” que o “Sargent” era mudo no “duro” e não falava “*neris de pitibiriba*”, mandando-o embora, com *carta branca* para se divertir.

O “Sargent”, com o término da guerra, virou inspetor do tráfico, permanentemente apitando nas esquinas, braço esticado, indicando o caminho aos automóveis, passeando nos

²³⁸ Conde Mané Luís de Luxemburgo, tipo popular da cidade.

²³⁹ Sargent, igualmente, uma figura popular da cidade.

²⁴⁰ Dr. Arquimedes Dantas (não identificado).

²⁴¹ Francisco Meira Lima, alagoano, em Natal a partir de novembro de 1935, chefe dos investigadores da Chefatura de Polícia do Governo do Estado.

ônibus, saltando na Ribeira, voltando ao Alecrim, indo ao Tirol e a Petrópolis, sem um instante de descanso. Os guardas encarregados do trânsito achavam graça e o “Sargent” continuava a sua faina.

O álcool, porém, foi a sua ruína. Deu para beber e beber muito e vivia cambaleando e, às vezes, estirado nas sarjetas. Quando estava embriagado, ficava imoral. A sua megalomania agravou-se seriamente e acabou ficando louco varrido, sendo internado no hospício.

Surge o Conde

Não se sabe de onde veio. As suas roupas são sempre limpas, mesmo velhas, porém cosicadas, numa demonstração de que alguém zela por ele, numa prova evidente de amor materno, a mais bela e pura demonstração de afeto que se tem na terra e no céu também...

Apareceu no Grande Hotel, procurando o gerente para comunicar que vinha receber os aluguéis atrasados e que daquele dia em diante ia tomar conta do seu hotel. Olímpio Procópio²⁴² ficou meio *aperreado* e imediatamente chamou o chefe Teodorico Bezerra. O Conde continuou firme na sua conversa e para espanto do major Teodorico, disse-lhe que também pretendia receber alguns milhões de cruzeiros, que o major, como seu procurador, havia recebido da firma João Câmara & Irmãos, referente a uma importante transação de algodão. O Conde, então, foi convidado a ir até ao escritório explicar-se melhor. Perdeu, então, o prumo da história e desandou a dizer besteiras. Teodorico chamou Paulo Lira²⁴³ e Santana²⁴⁴, que levaram o conde em direção à rua. Quando se viu solto das garras dos dois lugares-tenentes, ameaçou-os demiti-los, caso continuassem a obedecer a ordens de Teodorico. Vive rondando o Grande Hotel²⁴⁵. A princípio a gerência proibia a sua entrada. Hoje é persona grata. Senta-se na terrace e às vezes no hall e palestra com os hóspedes e quando o movimento do salão de refeições termina, vai até a cozinha e arrogantemente intima o mestre cuca: “Prepare o almoço do Conde!” Dão-lhe, então, um prato de feijão com arroz e carne.

Meteu na cabeça que os Bancos lhe pertenciam. No Banco do Rio Grande do Norte foi recebido em audiência pelo gerente Solon Aranha²⁴⁶, que compreendendo o caso, informou que o dinheiro que ele tinha depositado havia sido transferido para o Banco do Povo. Lá chegando Sátiro tomou um susto *do tamanho de um bonde*, quando o Conde perguntou pelo dinheiro transferido do Banco Rio Grande do Norte. Compareceu à Caixa Econômica Federal munida de uma velha duplicata sem nenhum valor e três vezes foi introduzido no gabinete do diretor. No Banco do Brasil o seu amigo do peito é Lídio Madureira²⁴⁷, que alimenta a sua mania, dizendo que os milhões ainda não chegaram, mas que um dia chegarão.

Anda nos bondes e nos ônibus de graça. Quando o cobrador grita o clássico “faz favor”, estrila, *dando um esbregue*, esclarecendo que aquele calhambeque lhe pertence. O jeito

²⁴² Olímpio Procópio de Moura, pernambucano, em Natal a partir de 1939; na ocasião, trabalhava no Grande Hotel. Funcionário do Banco do Rio Grande do Norte, político, um dos dirigentes da APERN.

²⁴³ Paulo Lira, funcionário dos Correios, pianista, compositor, boêmio, tocava no Grande Hotel e nas principais casas noturnas da cidade.

²⁴⁴ Henrique Santana, capixaba, proprietário da Loja de Livros, já localizada.

²⁴⁵ Grande Hotel; edifício à praça José da Penha, atualmente com destinação diferente da original, teve sua construção iniciada em agosto de 1938.

²⁴⁶ Solon Rufino Aranha, gerente do Banco do Rio Grande do Norte até 1955, desportista, fundador do ABC Futebol Clube e do Centro Náutico Potengi.

²⁴⁷ Lídio Madureira, funcionário do Banco do Brasil.

que houve foi o Dr. Pinheiro²⁴⁸ se conformar com o novo “acionista”. Quando ainda era desconhecido, aboletava-se num *automóvel de praça* e mandava rodar pela cidade. Terminando o passeio o chofer apresentava a conta. O Conde ria e dizia que o automóvel era seu. O caso findava na policia. Hoje nenhum motorista vai na conversa.

Quando pela primeira vez estive no Restaurante Cruzeiro²⁴⁹, o Dr. Armando²⁵⁰ tratou com toda consideração e depois esclareceu que já havia sido vitima de um doido em Macau, com tristes recordações...

O mais notável no Conde Mané de Luxemburgo são as suas condecorações. Desde tampa de garrafa de cerveja, passando por fichas das mais diversas, até escudos de todos os tipos e tamanhas, são usados no chapéu, na gravata, nas ombreiras, na lapela do paletó, numa bizarra ornamentação.

Às visitas do Conde á esquina de Tavares de Lira com a Dr. Barata, geralmente são visitas profissionais, indo até ao Café Globo, ponto habitual dos advogados, a fim de saber do andamento de suas múltiplas questões. Os mais carrancudos causídicos conversam cordialmente com o Conde o prometem agir, a fim de que ele entre de posse dos seus hipotéticos milhões.

Um ponto bastante visitado pela nossa nobre personagem é o Natal Clube²⁵¹, aonde os graúdos da terra jogam dama, gamão, xadrez, pôquer e dominó. Ali é que o Conde faz suas melhores defesas. Quando alguém deseja chatear outro, dá uma ficha de dez, vinte e até de cinquenta cruzeiros ao Conde para ir “*peruar*” o jogo de infeliz. Não adianta estrilar, primeiro porque o Conde não encabula e segundo porque violência contra ele não é permitida, sob pena da unanimidade dos “*baiuqueiros*” ficar ao lado de Mané Luis de Luxemburgo.

O Conde se intitula um grande conquistador. Jura que é noivo da princesa Elizabeth da Inglaterra, afirmando que constantemente se corresponde com ela. Quando aqui por Natal andou a escritora Alice Tibiriçá, fazendo conferências sobre a tese nacionalista do petróleo e ficou hospedada no Grande Hotel, O Conde dela se aproximou. Dona Alice é uma velha simpática e aceitou esportivamente a indicação de que era uma Baronesa inglesa, tia da princesa Elizabeth. O Conde não a largava pedindo esclarecimentos sobre a sua noiva e dona Alice costumava dizer que mais impertinentes e perigosos do que Mané Luís de Luxemburgo, são certos políticos e homens importantes, que nas suas desmedidas manias de grandezas, se julgam donos do Brasil, sem compreenderem o ridículo que caem o mal que fazem a nossa pátria.

Há pouco tempo estive em Natal uma delegação do Esporte Clube do Recife. O presidente da mesma, Dr. José Lourenço, ficou hospedado no Grande Hotel, num quarto do lado do sol, bastante quente. No dia seguinte, procurou-se mudar para uma dependência mais fresca. O Conde atendeu-o, intitulando-se dono do hotel. Por coincidência ou porque algum empregado também tenha recebido a reclamação, o fato é que o Dr. Lourenço foi transferido para um amplo quarto no lado da sombra. Como bom “*sportman*” o presidente do clube pernambucano procurou o Conde para agradecer a presteza com que havia sido atendido.

²⁴⁸ Dr. Antônio Guimarães Pinheiro, alagoano, gerente da Companhia Força e Luz, que corresponde atualmente à COSERN.

²⁴⁹ Restaurante Cruzeiro (esquina da Princesa Isabel com João Pessoa), tinha frente para a rua Princesa Isabel, enquanto a Sorveteria Cruzeiro, voltava-se para a rua João Pessoa (Cidade Alta).

²⁵⁰ Dr. Armando Nogueira China, médico, farmacêutico, chefe político e prefeito de Macau. Em Natal foi Diretor do Departamento de Saúde Pública e deputado. Era proprietário do restaurante e sorveteria Cruzeiro.

²⁵¹ Natal Club, agremiação social fundada em julho de 1907, localizava-se na esquina da avenida Rio Branco com João Pessoa. Terminou sua história como simples casa de jogos.

Mané Luís de Luxemburgo meteu os pés pelas mãos e aproveitou a chance para contar historias mirabolantes de riquezas. Nesta ocasião chegam Nelson Cachimbo²⁵², irmão do Dr. Zé Lourenço, mas que reside em Natal, acompanhado de vários amigos e que gozaram um bocado com o autentico trote que o ilustre visitante acabara ser vitima.

Com os bolsos permanentemente entulhados de supostos documentos, com vistos, despachos, recibos e autorizações para comprar e vender tudo no mundo, o Conde é uma criatura feliz, permanentemente bem humorado, levando a vida filosoficamente, atendendo a todos, dando emprego a quem lhe pede, fazendo doações, sem preocupar-se com as tremendas preocupações do dia de amanhã. O *parafuso que anda solto* dentro da sua cachola serviu para transformá-lo num sujeito inofensivo como um passarinho e ingênuo como uma criança...

²⁵² Nelson Cachimbo, (Nelson Meira), pernambucano residente em Natal.

IX – Edição de 12 de junho

Quer chova ou quer faça sol, ele não perde o expediente na Esquina Famosa. É dos mais assíduos, dos mais conversadores e principalmente dos mais divertidos e furiosos. Permanentemente mastigando um resto de charuto, mordendo cuspindo e acendendo a “*bagana*”, não perde oportunidade, e não deixa passar nada sem dar o seu palpite. É um autêntico representante da turma do “contra”, irreverente, mangando do tempo, combatendo os poderosos. É um Quixote moderno, sonhando de dia, porejando honestidade, sacrificado na vida, mas sempre de cabeça erguida, a língua solta, dizendo verdades, sem temer as ameaças dos donos do mundo. Ele se chama Raimundo Ramalho²⁵³. Classificador de algodão dos mais competentes da cidade, defendendo o seu ganha-pão numa poderosa firma algodoeira, graças à sensibilidade de seus dedos mágicos, classificando as fibras do “*ouro Branco*”, diferenciando de olhos fechados todos os tipos, desde o famoso algodão Seridó, passando pelo Verdão, até o Mocó popular. Na época da safra trabalha como um burro de carga, sem horário para entrar e para sair e quando aparece na avenida vêm todo enfeitado, com “capuchos” de algodão sobrando pela roupa, metendo-se pelos ouvidos, entupindo as narinas, asfixiando-se com a poeira dos armazéns. Quando passa a safra entra de folga, pois os patrões *galegos*, inteligentes e realistas não se preocupam com a sua vida.

UM MENINO CONVULSIONA UMA CIDADE

²⁵³ Raimundo de Souza Ramalho, macauense, classificador de algodão firma Wharton Pedrosa..

Era uma vez, um menino irrequieto, que morava numa cidade pacata do interior. A história tem o sabor das histórias de fadas dos *lengalengas* saborosos contados pelas pretas velhas nas noites calmas de nossa infância.

O menino irrequieto, peralta, com o diabo no couro, era Raimundo Ramalho. A cidade pacata do interior era Macau, com o rio gemendo e as pilhas de sal se erguendo, com os canoeiros remando e as barcaças singrando o lamarão, levando para o bojo dos navios gigantescos toneladas e mais toneladas de sal. E Macau vivia a sua existência provinciana, somente quebrando a monotonia do burgo, as farras ruidosas dos trabalhadores das salinas, nos dias de sábado, dançando xote nas Quatro Bocas, ao som de uma velha sanfona e decidindo no “porrete” e na ponta das “*lambedeiras*” as suas diferenças na conquista da mulher amada...

Mas as eleições chegaram. O coronel Tetéo²⁵⁴, o Dr. Armando China e os outros manda-chuvas do município, marcharam para as urnas, comandando os seus contingentes eleitorais. O imprevisto, aquilo que não estava programado, aconteceu. Ainda não havia soado a hora da matutada “*pegar a xepa*”, devorar com farinha e um trago de aguardente, o boi que o coronel mandara carnear para o almoço.

Numa das sessões eleitorais, explodiu o *charivari*. Um meninote, com cara de bezerro desmamado, cabalava sem meias-medidas. Os testas-de-ferro do governo acharam que aquilo não estava direito. Eleitor de “*cabresto*” era para votar no escuro, sem ouvir conversa fiada. As coisas foram se azedando e o menino tomando fogo, protestando, esbravejando.

Quando a autoridade policial levantou a voz e deu uns gritos, Raimundo Ramalho respondeu mais alto. “Pega este “*cabrito*” atrevido”, foi a ordem do delegado. O menino estrebuchou, virando bicho, reagindo contra a força embalada. Levou um *muxicão* e foi arrastado para a cadeia onde ficou enjaulado...

Toda a cidade reprovou o ato do delegado e a prisão foi relaxada horas depois. Raimundo Ramalho saiu do xilindró com honras de herói e passou a frequentar as rodas políticas, batendo papo na tipografia do velho Antunes²⁵⁵, ouvindo confidências do tuchaua Emídio Avelino²⁵⁶. Tinha feito a sua iniciação na política. Até os dias presentes continua fiel ao primeiro rompante, honrando a tradição de opositorista.

O CRAQUE ENCOSTA AS CHUTEIRAS

Indo residir em Mossoró, empolgou-se pelo futebol. O mossoroense “*come uma corda danada*” que é o bamba da pelota, invencível nos seus redutos, exportando craques, dando surras tremendas nas equipes que ousam pisar a sua cancha areienta e medir

²⁵⁴ Coronel Feliciano Ferreira Tetéo, chefe político, Delegado de Polícia e salineiro em Macau.

²⁵⁵ Antônio Antunes Filho; era proprietário da Livraria e Papelaria Moderna e da Tipografia Antunes, em Macau.

²⁵⁶ Emygdio Bezerra da Costa Avelino, advogado provisionado, ex-prefeito de Macau, deputado, pai dos poetas Olda e Edinor Avelino, este pai do também poeta Gilberto Avelino.

forças com os pupilos de Lauro da Escóssia²⁵⁷, Luís Bolão²⁵⁸, Walter Wanderley²⁵⁹ e do famoso Roleaux²⁶⁰.

Neste ambiente agitado, Raimundo Ramalho “mascara-se” de futebolista. Dizem que foi um *center-half* ranzinza, destes *caningados* que quando perdem a bola chutam nas canelas do adversário... Teve os seus grandes dias, os fãs arrebetando as gargantas de tanto gritar, mandando marcar Maciel ou dar uma “botinada” no mastodonte Bitu...

Transferindo-se para Natal, rompeu as relações com o futebol. Encostou, ou melhor, tocou fogo nas chuteiras. O que ele gostava não era do futebol e sim da agitação trepidante, da confusão e das encrencas sensacionais que surgiam depois de um jogo entre o Humaitá e o Ipiranga.

Hoje ninguém lhe fale em futebol. Dá um estrilo danado. Nunca foi ao estádio da Federação²⁶¹, mas compra revistas esportivas, para o seu filho, reclamando que a mocidade está perdida, pensando somente em dar ponta-pés...

DOUTOR BACORINHA, FOLIÃO DE QUATRO COSTADOS

De fraque e de *bacora*, rodando uma bengala entre os dedos, passeando calmamente pelo meio da avenida, olhando displicentemente o curso.

A “pressão” era sempre alta e se notava pela vermelhidão das faces.

Bebia cerveja como urso de circo, nunca enchendo as medidas, como se fosse uma barrica sem fundo... Dr. Bacorinha²⁶² era uma figura tradicional do carnaval natalense. Percorria toda a cidade, entrando nos bares, recebendo cumprimentos, confraternizando com os carnavalescos.

Não se sabe o motivo, mas o fato é que há vários anos também jogou o velho fraque e a tradicional bacora no fundo do baú e “*não meteu mais os peitos*” nas orgias de momo.

PROPAGANDISTA DE UMA MARCA DE CERVEJA

Duas marcas de cerveja disputavam a primazia do público. Fagueiro, fazia propaganda de uma delas, com o apoio de uma equipe de notáveis farristas.

O concorrente sentiu “*faltar areia nos pés*” e ofereceu a Ramalho o comando da contra ofensiva. Tinha *carta branca* para beber em todos os cafés e restaurantes. Ramalho, como não podia deixar de acontecer, fez coisas incríveis. Chegava num bar e pedia uma cerveja e se o garçom trazia uma garrafa de marca rival, espetacularmente arrebetava-a,

²⁵⁷ Lauro da Escóssia, mossoroense, fotógrafo, Inspetor de Ensino do Estado, jornalista, proprietário de “O Mossoroense”, pesquisador, escritor.

²⁵⁸ Luís Mariano de Azevedo. Bolão era nome de família, retirado por escolha. Mossoroense, funcionário da Receita Estadual. Foi Presidente do Centro Esportivo Mossoroense e um dos fundadores da Associação Cultural e Desportiva Potiguar.

²⁵⁹ Walter Fonseca Wanderley de Albuquerque, macauense, jornalista, político, economista, autor de vários livros.

²⁶⁰ Roleaux: Manoel Eufrásio da Costa, do comércio de carnes em Mossoró. Goleiro de diversos times locais, como o Ferroviário, Ipiranga e Potiguar.

²⁶¹ Estádio da Federação Norte-Rio-Grandense de Desportos, inaugurado outubro de 1928, com o nome de Stadium Juvenal Lamartine.

²⁶² Raimundo de Souza Ramalho (Ramalhinho), durante o carnaval se transformava no Dr. Bacorinha, desfilando de fraque e casaca e levando na mão um urinol cheio de cerveja e salsichas.

jogando-a no chão, aproveitando a oportunidade para fazer um autêntico comício sobre as qualidades da marca que representava.

Em plena guerra, os soldados e marujos norte-americanos, bebiam cerveja numa “escala bruta”, sem limites, dando preferência ao produto do concorrente. Ramalho aprendeu a dizer em inglês que a fabrica adversária estava na lista negra, pertencendo à *quinta coluna*. Teve um sucesso ruidoso, pois os marujos de Tio Sam não tiveram duvida de passar a exigir a sua cerveja...

EPISÓDIOS DO TEMPO DA GUERRA E DA POLÍTICA

Liberal democrata, Raimundo Ramalho às vezes atinge as raias do fanatismo... É, no Rio Grande do Norte, o mais intransigente correligionário de Washington Luis, considerando-o o super-homem do Brasil. No plano internacional é “*arriado*” por Winston Churchill”, a quem passou telegrama, gastando quase metade do ordenado de um mês, em compensação, recebeu uma carta de agradecimento, com o “*jamegão*” do antigo primeiro ministro de Sua Majestade Britânica, que colocou num quadro e grudou na parede da sua sala de visitas.

Nas movimentadas discussões da Avenida Tavares de Lira, quando alguém aconselha mais calma, a fim de evitar represálias, demissão do emprego, e etc., responde enfaticamente que é empregado de uma firma britânica e ser for transferido é para Londres.

Tem a mania de apartear os oradores nos *meetings*. Alguns, como Rômulo Wanderley²⁶³, gostam, mas outros como o padre Mata²⁶⁴, perdendo *fio da meada* e ficam com a “*goitana*”...

Um fato pitoresco, mas que ia se transformando numa tragédia, verificou-se no período da guerra. A multidão descia a Avenida Junqueira Aires. Os oradores esbravejavam. O povo ululava. A massa humana na rua, com seu destino nas próprias mãos, é invencível, esmagando tudo como um rolo compressor. No meio dos vivas e dos morras, um pobre “*calunga de caminhão*”, quando o veículo passava junto à multidão, também quis manifestar-se. Alemanha era o nome mais falado e o coitado atrapalhando-se deu um grito: “Viva a Alemanha!”. A multidão investiu furiosa e arrancou o homem de cima do caminhão, levando-o *aos embolés* até que a Polícia e as pessoas mais sensatas, compreendendo a estupidez do indivíduo tentava protegê-lo. À frente da turba vinha Ramalho. O homem foi recolhido ao Hotel Avenida e o prédio cercado. A multidão não respeitou ninguém, levou os policiais *de roldão* e, no momento decisivo de arrombar a porta, inesperadamente, um dos líderes aliados subiu numa cadeira e pôde ser ouvido, acalmando os ânimos enquanto Ramalho era subjugado pelo seu irmão Raul e metido espremido dentro de um automóvel.

Uma das principais glórias é haver sido convencional da UDN²⁶⁵, recebendo por intermédio de José Augusto²⁶⁶ um escudo que com muita honra usa na lapela.

Ainda hoje não se convenceu da derrota do Brigadeiro para presidente da República e do desembargador Floriano Cavalcanti²⁶⁷ para governador do Estado. É um

²⁶³ Rômulo Chaves Wanderley, assuense, advogado, poeta, escritor, jornalista, professor, ocupou importantes cargos na área da educação no governo do Estado do RN.

²⁶⁴ Monsenhor Mata, já referido.

²⁶⁵ UDN, União Democrática Nacional, partido político.

²⁶⁶ José Augusto, já referido.

²⁶⁷ Floriano Cavalcanti de Albuquerque, advogado, juiz, desembargador do Tribunal Regional Eleitoral, escritor, professor do Atheneu e da UFRN.

autêntico sebastianista, aguardando a volta de El Rei... Quiseram candidatá-lo a vereador e ele recusou, alegando que deseja continuar como soldado raso. Os seus cabos eleitorais seriam José Bernardo²⁶⁸, Floriano Medeiros²⁶⁹, Antônio Justino²⁷⁰, Sílvio de Souza²⁷¹ e Agenor Lima²⁷², companheiros inseparáveis dos aperitivos...

Os seus parentes mais próximos, pessedistas prestigiosos, tentaram arrastá-lo para o partido do governo e como conseqüência tiveram de ouvir muito desaforo, rompendo relações.

Quem deseja vê-lo exaltado, falem em acordo interpartidário e em desarmar os espíritos, em aproximação com Georgino. Fica “*bufando*” completamente alucinado.

ANTIGETULISTA

A raiva de Raimundo Ramalho contra Getúlio Vargas, é em conseqüência da deposição de Washington Luís.

Durante o “curto período” da era getuliana, Ramalho não entregou os pontos. Manteve-se firme na oposição.

Torna-se interessante esclarecer, que a sua Caderneta do Ministério do Trabalho somente foi atualizada pela firma onde trabalha, depois da queda de Vargas, pois ele recusava-se receber os auxílios da legislação trabalhista, enquanto Getúlio estivesse no poder...

Em rápidas pinceladas estão aí os principais traços biográficos do sujeito mais genista e ranzinza dos circuitos políticos e populares natalenses.

X – Edição de 19 de junho

A irreverência causticante do major José Bezerra

²⁶⁸ José Bernardo, funcionário da firma Exportadora Dinarte Mariz S. A.

²⁶⁹ Floriano Medeiros, já referido.

²⁷⁰ Antônio Justino, já referido.

²⁷¹ Sílvio de Souza, dentista, político, desportista.

²⁷² Agenor Bezerra de Araújo Lima, já referido.

Poucas pessoas sabem que ele é tenente-coronel, com todas as honras e vantagem do posto.

É assíduo freqüentador da esquina da Tavares de Lira. Vem varias vezes durante o dia e a sua parada obrigatória é o Café Expresso da negra Ana e numa de nossas anteriores reportagens, já tivemos oportunidade de tentar caricaturar esta moderna Simôa natalense, a quem demos o major por padrinho.

José Bezerra é a irreverência em pessoa. Na sua fala mansa de sertanejo da encosta da serra do Doutor, tem um poder de observação notável, aliada a uma memória que faz inveja aos mais famosos comedores de cabeça de peixe...

Ajudante de Ordens Durante Quase 10 Anos

O major José Bezerra foi ajudante de ordens perpetuo durante o consulado do Dr. Rafael Fernandes²⁷³, governador eleito pelo povo e interventor do caudilho Getulio Vargas, até a época que surgiu na constelação política do Rio Grande do Norte a influencia planetária de Georgino Avelino²⁷⁴...

Em tempo de serviço como ajudante de ordens, somente foi batido pelo extraordinário coronel Quincó²⁷⁵, que atravessou períodos governamentais inteiros, servindo a Alberto Maranhão, Ferreira Chaves e José Augusto e que merecerá as honras de uma futura reportagem, contando uma serie de incríveis fatos que atualmente já se podem considerar históricos, mas de um sabor humorístico digno de melhores paladares...

Quando o Dr. Rafael Fernandes fazia as suas visitas protocolares ou viajava ao interior do Estado, não precisava anotar nada. O major Zé Bezerra era uma verdadeira maquina de gravar. O que a sua vista fixava ou o que os seus ouvidos escutavam, ficava indelevelmente assinalado. E nas horas calmas das palestras de fim de tarde, no Palácio da Praça Sete²⁷⁶ ou na intimidade das visitas á Vila Potiguar²⁷⁷, o governador recapitulava, graças á memória prodigiosa e do poder penetrante de observação do major Zé Bezerra, os pequenos dados, os mínimos detalhes dos fatos desenrolados diariamente na capitania²⁷⁸ do Rio Grande do Norte...

Nesta época o Dr. Aldo Fernandes era o Secretario Geral do Estado, uma espécie de todo-poderoso Primeiro Ministro, assim como Mussolini ou Churchill, enquanto o Dr. Rafael desempenhava o papel de Vitor Emanuel ou do Rei da Inglaterra. O major Zé Bezerra era a válvula de escape. Diante da sisudez de mascara de ferro do Dr. Aldo, o caminho mais fácil e menos íngreme para se chegar à alta curul²⁷⁹ governamental, era através do ajudante de ordens,

²⁷³ Rafael Fernandes Gurjão, Interventor Federal no período de 29/10/1935 a 1º/11/1939.

²⁷⁴ José Georgino Alves Avelino, advogado, jornalista, político, Interventor Federal no período de 7/08 a 17/11/1945.

²⁷⁵ Coronel Quincó, (Joaquim Anselmo Teixeira de Moura) foi também alvo das lembranças de Djalma no exílio quando, na sua "Evocação de Natal" a ele se refere, mencionando: "*O teus "faroleiros" de memoráveis histórias.*" (Como "faroleiro" entenda-se: contador de casos, bravatas.) Oficial da Polícia Militar.

²⁷⁶ Palácio da Praça Sete: antigo Palácio do Governo, no momento Palácio da Cultura.

²⁷⁷ Vila Potiguar, antiga residência dos governadores do Estado, à Praça Pedro Velho.

²⁷⁸ O RN foi Capitania Hereditária desde 1535, como Capitania do Rio Grande; no século XVIII era Capitania do Rio Grande do Norte e assim se denominava até a Independência.

²⁷⁹ Curul, cadeira que, na Roma antiga, era reservada ao uso dos mais altos dignitários.

que a todos acolhia e transmitia, com êxito ou fracassadamente as pretensões, apresentando os interessados ao governador, que os despachava invariavelmente para o Dr. Aldo...

O major Zé Bezerra sempre repete o “*slogan*” criado por um dos antigos diretores do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, o nosso “Dipezinho”²⁸⁰, provinciano, de que num futuro próximo o povo potiguar haverá de ir para as praças publicas, gritando: “Queremos Aldo! Queremos Aldo!” Isto, em virtude da desorganização progressiva das finanças norte-rio-grandenses. Tem a palavra o Dr. Everton²⁸¹ ...

São Bento do Bofete²⁸² muda de nome

José Bezerra é um soberbo contador de anedotas. Repete com vivacidade as mais variadas historias.

Constantemente encontramos na esquina da Tavares de Lira com a Rua Dr. Barata, numa roda que pouco a pouco vai aumentando. Quando menos se espera explode uma gargalhada. É a frase picante ou o desfecho hilariante do fato narrado.

No tempo do Estado Novo²⁸³, não era somente praxe, como também elegante, puxar o saco do Ditador. A grande maioria queria ser agradável ao sol que brilhava. David Galvão²⁸⁴, aventureiro de alto coturno, semi-analfabeto, mas de uma inteligência privilegiada, perambulava pelos ínvios sertões nordestino, vendendo seguros de vida, *dando “bolos”* de todos tamanhos nas grandes companhias seguradoras como seja Sul América, Eqüitativa e Metrópole. David Galvão é figura do anedotário popular. Passava recibos com selos de caixa de fósforos, dizia missa, pregava nos cultos, atuava-se nas sessões espíritas... Não tinha crença nem opinião porque a sua crença e sua opinião eram a do sujeito que ele pretendia “*marretar*”.

Conta o major Zé Bezerra que um dia David Galvão chegou em São Bento do Bofete. Estava-se no mês de abril e dentro de mais alguns dias ia ser comemorado o 19 de abril, data do aniversário natalício do presidente Vargas. David Galvão não vacilou um só instante. Na primeira casa comercial que entrou, chamou um empregado e ditou (escrevendo David era um desastre, mas ditando parecia um advogado...) O rapaz escreveu numa folha de papel almaço uns dizeres, no qual o povo de São Bento do Bofete resolvia mudar a denominação da vila para Getulio Vargas. Reunido o povaréu na pequena praça do lugarejo, David deitou falação. Daquele dia em diante, o nome pejorativo ia desaparecer. Palmas e vivas e o telegrama voou para o Catete, com a assinatura de David em primeiro lugar, seguidas de centenas de garatujas da matutada ingênua.

Completando a historia, o major Zé Bezerra esclareceu que o povo aboliu a palavra São Bento, adotando a de Getulio Vargas, sob a dominação pitoresca de Getulio Vargas do Bofete... *A emenda foi pior do que o soneto* e um dia veio ordem para que a vila voltasse a se

²⁸⁰ DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão do governo federal, responsável pela censura nos tempos de Getúlio Vargas.

²⁸¹ Everton, provavelmente seja o Dr. Ewerton Dantas Cortez, advogado, professor.

²⁸² São Bento do Bofete: Sítio de São Bento, apodo originário das constantes desavenças que ocorriam durante as feiras do local. Em 1938 passou a se denominar Distrito de Getúlio Vargas e, em 1943, denominou-se Distrito de Janduís. Atual município de Janduís.

²⁸³ Estado Novo: fase da história política brasileira a partir do golpe de Estado iniciado a 10 de novembro de 1937, encabeçado por Getúlio Vargas (que governava o País desde 3 de novembro de 1930), e foi destituído a 29 de outubro de 1945.

²⁸⁴ David Galvão, descrito pelo autor.

chamar São Bento. O apelido do Bofete podia ser aplicado a um santo, mas era pejorativo ao Dr. Getulio...

Recordações do Apodi

Apodi é a pátria do poeta-deputado Cosme Lemos, a quem respeitosamente dobramos o joelho e pedimos permissão para repetir uma das muitas histórias contadas pelo incrível major José Bezerra.

Informa o major que todas as vezes que entra no Banco do Brasil tem a impressão que se encontra na praça central de Apodi. Naturalmente alguém indaga o motivo e ele explica que o matraquear das máquinas de escrever, no seu ininterrupto bater dos teclados, relembra as tardes românticas do Apodi, com o mulhierio, desde as mais respeitáveis matronas, até as mocinhas casadoiras, com as suas “almofadas de bilro”, fazendo rendas, fabricando “bicos”, sentadas nas calçadas, gozando a fresca e a sombra das tardes sertanejas.

Patrono das Balzaquianas

O major é um velhote gozador, que sabe desfrutar a vida.

Quando era ajudante de ordens e tinha por obrigação acompanhar o Governador, ou mesmo representá-lo em tudo que era de festança, não perdia tempo. *Dançando como uma carapeta*, sem elegância, mas com persistência, não dava uma folga as nossas balzaquianas.

Moça que o major Zé Bezerra tirasse pra dançar era sinal de que tinha passado das casas dos trinta anos... A sua fama correu mundo e nos bailes era a coqueluche das moças velhas... Findou como o patrono das balzaquianas...

No Tempo de Lampião

Virgolino Ferreira da Silva, cangaceiro famoso o terrível Lampião, terror dos sertões.

Todas as polícias do Nordeste foram arregimentadas. Para combatê-lo. O Rio Grande do Norte também deu sua cota de sacrifícios. O combate do saco de Martins, o assalto a Mossoró e os preparativos para defender o Caicó, foram feitos que estão se transformando em lendas...

Conta Zé Bezerra feitos de heroísmo de muita gente, de oficiais valentes que avançavam sob a chuva de balas e de soldados indomáveis que enfrentavam os cangaceiros na arma branca. Mas conta, também, a “*frouxura*” daquela coluna que batia as estradas ressequidas do sertão, com os corneteiros na frente, soprando os clarins, afugentando Lampião, anunciando a presença da “*volante*”...

Terra de Ladrão de Bode

O padre Elesbão²⁸⁵ ia à frente, no seu cavalo baixeiro. De quando em quando dava uma risada, que era quase um soluço: quá- quá- quá- quá- quá.

O sacristão foi ficando impressionado. As risadas iam amiudando. *Pinicou a burrinha* e encostou-se para perto do vigário e indagou o que havia.

O velho cura, conforme conta Zé Bezerra, explica que passara dois dias e duas noites confessando ladrões de bode e desde que deixara o arruado, que ouvia berreiro de bodes, perdidos na vastidão dos “*tabuleiros*”.

E arrematando a conversa: Ou terra pra ter bode!

Este Circo Não é Para Capital

E por falar em historia de padre, o major Zé Bezerra conta que dois párocos, cujos nomes não interessa divulgar, combinaram uma viagem a São Francisco do Canindé, em romaria.

Um caminhão foi fretado e dezenas de pessoas, notadamente mulheres, se associaram. No dia marcado partiram e no Canindé pagaram as suas promessas. Na volta, um dos padres teve a idéia de passar com o caminhão por Fortaleza. O outro foi contra, mas findou se conformando. O chofer explicou que não tinha carta de motorista, mas o padre que desejava ir á capital, disse que isso não era empecilho, pois conhecia o chefe de policia e tudo se resolvia.

Finalmente chegaram a Fortaleza. Na praça do Ferreira o caminhão entrou contra-mão e guarda deteve o veiculo. O padre saltou e contou que era amigo do chefe de policia. O guarda ouviu tudo calado e depois informou que nada podia fazer. O caminhão só podia continua a trafegar com um motorista habilitado.

Neste íterim, o mulhero tinha saltado do caminhão, numa confusão de vestidos de chitas, berrantes, chapéus de palhas na cabeça, sobraçando pacotes, despertando a curiosidade geral.

O outro padre, então, voltou-se para o colega e disse: “Fulano, eu não lhe avisei que isto não era companhia para se apresentar na Capital!”

O Cabo Eleitoral em Ação

A campanha política estava no auge. Todo mundo pedia votos. O major José Bezerra também arregaçou as mangas, lançando-se a luta... Procurava os amigos e até os conhecidos de vista e fazia sua propagandazinha, cabalando eleitores para o ex-interventor general Fernandes Dantas²⁸⁶, candidato ao senado.

Quando a vítima se comprometia a votar, o major arrastava um pacote do bolso, que a princípio o eleitor julgava tratar de *cédulas impressas* com o nome do futuro senador. Mas não

²⁸⁵ Padre Elesbão, provavelmente seja o padre mossoroense Elesbão da Nóbrega Gurgel de Oliveira, vigário em Mossoró e várias cidades do interior de Rio Grande do Norte.

²⁸⁶ General Antônio Fernandes Dantas, Interventor Federal no período de 10/06/1943 a 7/08/1945.

era. Surpreso o eleitor recebia uma carta de baralho, um nove de espada, um dois de copas, um valete de ouro! ...

Era uma crítica mordaz ao general Dantas, um dos grandes azes do pôker e do pif-paf que já brilharam em nossa terra.

Na leitura do texto notará o leitor que o autor empregou expressões populares, muitas delas tipicamente regionais, bem como palavras atualmente pouco usadas e outras totalmente em desuso. Para facilitar a compreensão sem que se necessite recorrer a um dicionário, resolveu-se incluir o presente glossário. A publicação em ordem alfabética tem também o objetivo de facilitar a consulta, não sendo esta a seqüência em que se encontra no texto.

Pensou-se principalmente no leitor jovem e naquele que, no futuro, tiver acesso a estas referências. Considere-se, também, a intenção de salientar-se o uso, há mais de cinquenta anos, de palavras e expressões ainda atuais.

EMENTÁRIO DE EXPRESSÕES POPULARES ENCONTRADAS NO TEXTO.

1. *a emenda foi pior do que o soneto*: ficar pior do que estava
2. *a toda*: a toda velocidade
3. *aos emboléus*: às quedas
4. *abafando a banca*: fazendo sucesso
5. *algodão na folha*: antes da colheita
6. *amigos da onça*: do contra; expressão derivada do personagem humorístico “O amigo da Onça”, criação do desenhista Péricles e publicado na revista “O Cruzeiro”
7. *anzóis carapuça*: genérico usado quando não se sabia os nomes de família de alguém
8. *aperreado*: nervoso
9. *arisco*: cismado, arredio
10. *arrasta uma asa*: inclinar-se para alguma coisa ou alguém
11. *arriado*: apaixonado
12. *arrotando goga*: gabando-se
13. *automóvel de praça*: táxi

14. *bacora*: chapéu curvo, de aba curta
15. *bagana*: resto do charuto
16. *baiuqueiro*: jogadores de baralho
17. *balzaquiana*: mulher depois dos trinta anos de idade (naqueles tempos, já considerada velha...)
18. *bamba*: maioral
19. *bas-fond*: lugar de prostituição
20. *batata*: exatamente
21. *batatal*: exata, imediata
22. *bateu a linda plumagem*: voar, tomar caminho
23. *bicho danado*: corajoso, impetuoso
24. *blefando*: brincando, debochando
25. *boca da noite*: fim de tarde
26. *braba*: brava, rigorosa
27. *bufando*: furioso
28. *cabrito*: menino, rapazinho
29. *cafundós do Judas*: lugar muito distante
30. *calunga de caminhão*: empregado que trabalha sobre a carroceria
31. *camisa de onze varas*: dificuldade
32. *caningado*: repetitivo, insistente
33. *canoa policial*: viatura policial
34. *carro de praça* (antes era carro de aluguel): taxi
35. *carta branca*: autorização
36. *casimira*: tecido encorpado, geralmente escuro, muito usado para ternos nesta cidade tropical
37. *cédulas impressas*: no momento, votava-se depositando nas urnas cédulas impressas com o nome do candidato.
38. *center-half*: futebol, correspondente á atual posição de “meio-de-campo”
39. *chamada de cana*: dose, trago, porção de aguardente
40. *chapéu do Chile*: muito usado na época, confeccionado com palhinha fina, tinha abas largas e moles, e uma cinta preta em redor.
41. *charivari*: confusão
42. *chato, cacete*: pessoa de contato pessoal desagradável
43. *colocar os pontos nos i*: corrigir, acertar as coisas
44. *comer corda*: aceitar e acreditar em elogios fáceis
45. *como sardinha em lata*: muito apertado
46. *cópia fotostática*: antecessor da cópia xerox, fotografava-se o documento
47. *costas quentes*: ter prestígio, ser protegido por alguém
48. *dançando como uma carapeta*: sem parar
49. *dando bolos*: enganar
50. *dar as caras*: comparecer, aparecer em algum lugar
51. *dar esbregue*: dar repreensão
52. *dar o ar de sua graça*: chegar em algum lugar
53. *dar o cavaco*: afobar-se, irritar-se
54. *dar prego sem estopa*: não fazer nada sem garantia de recompensa
55. *dar um pulo*: ir a algum lugar
56. *de oito*: não identificada.
57. *de roldão*: em desordem, confusão
58. *deram o cavaco*: aborreceram-se
59. *desopilar o fígado*: rir
60. *devagar com o andor* (que o santo é de barro): ter calma

61. *do outro mundo*: superlativo, coisa muito boa
62. *do tamanho de um bonde*: grande
63. *eleitor de cabresto*: eleitor que vota conforme manda outra pessoa
64. *encanou*: levou “em cana”, prendeu
65. *enfarpelado*: de roupa nova
66. *entrançando as pernas*: andando
67. *entrou pela perna do pinto* (saiu pela perna do pato): antiga fórmula com que os contadores de histórias infantis terminavam um relato
68. *esborrachando*: muito cheia, a ponto de abrir-se.
69. *espíquer*: speaker, assim eram chamados os locutores de rádio
70. *estar com a goitana*: estar furioso
71. *falando sozinho*: derrotado, desapontado
72. *faltar areia nos pés*: ficar desorientado
73. *fazendo furor*: fazendo sucesso
74. *filhos da Candinha*: mexeriqueiros
75. *foca*: aprendiz de repórter
76. *frouxura*: covardia
77. *fundaram a safra*: iniciaram o plantio
78. *galegos*: estrangeiros
79. *gatos pingados*: poucos
80. *glostorado*: que usou Glostora, produto para cabelo, em forma de óleo ou brilhantina, muito usado na época
81. *granfa*: granfino
82. *Ita*: os navios da Companhia de Navegação Costeira tinham nomes como Itapé, Itanagé, etc., que foram abreviados para “Ita”
83. *jamegão*: assinatura
84. *jerimunlândia*: terra norte-rio-grandense
85. *lambedeira*: faca, peixeira
86. *lascou*: fazer alguma coisa com violência
87. *lenga-lenga*: conversa interminável, repetitiva
88. *levar um tesa*: receber uma repreensão
89. *linha justa*: controle político dogmático pelo Partido Comunista.
90. *malhando em ferro frio*: fazendo trabalho sem proveito
91. *mandou mecha*: iniciou alguma coisa
92. *marretar*: roubar
93. *matéria plástica*: antes de “plástico”, dizia-se “matéria plástica”
94. *mechas*: não identificado
95. *meetings*: (influência do inglês: encontro): comício
96. *meia tigela*: sem importância, inexpressivo
97. *meter os peitos*: entrar, introduzir-se
98. *mexer os pauzinhos*: agir, acionar prestígio para obter algo
99. *muxicão*: beliscão
100. *neris de pitibiriba*: nada
101. *no duro*: na verdade, sem dúvida
102. *oito ou oitenta*: ou tudo ou nada
103. *ouro branco*: algodão.
104. *papagaios*: promissórias, documentos resultantes de dívidas em bancos.
105. *parafuso solto*: ser louco
106. *parolagem*: tagarelice, ato de falar demasiado

107. *pé de boi*: trabalhador constante
108. *pegar a xepa*: fazer refeição
109. *pela manga do paletó*: pegar, segurar firmemente alguém
110. *pelos cotovelos*: escrever muito
111. *perder o fio da meada*: desorientar-se na conversa
112. *perder vasa*: não perde oportunidade
113. *pince-nez*: (do francês: aperta-nariz), tipo de óculos sem pernas, que se fixava sobre o nariz e se prendia ao paletó por um cordão, em geral, e ouro
114. *pinicou a burrinha*: esporeou
115. *pintar o sete*: exagerar ao fazer alguma coisa
116. *peruar*: observar (jogo)
117. *ponta de rama*: iniciante
118. *queimar as pestanas*: ler, estudar muito
119. *quinta-coluna*: traidor, espião do inimigo (vocabulário do tempo da guerra)
120. *Ray-Ban*: modelo de óculos norte-americanos, em moda durante e depois da guerra
121. *rolo*: confusão
122. *sabotagem*: prejudicar, trair; palavra comum ao vocabulário da guerra
123. *shut*: chute
124. *seiscentos diabos*: exagero, aumentativo
125. *slogan*: expressão significativa
126. *sportman*: desportista
127. *tabuleiros*: terras areentas pobres em vegetação
128. *tim-tim por tim-tim*: passo-a-passo, pormenorizadamente
129. *tira-gosto*: porção de alimento ou fruta, que acompanha a bebida.
130. *torres*: formação de nuvens prenunciadoras de chuva
131. *trocar as bolas*: confundindo
132. *urros de Tarzan*: personagem de romance e filmes cinematográficos, Tarzan se anunciava com um grito bem característico
133. *vendendo azeite às canadas*: raivoso, furioso
134. *virou bicho*: enfureceu-se
135. *volante*: companhia policial que combatia os bandos de cangaceiros

Claudio Galvão

PAGUE 1 E LEVE 3

Isso não é *marketing* comercial de três em um. Coisa de que a literatura não gosta. Mas, veja gentil leitor(a), o que você tem em mãos: o conjunto de reportagens publicadas pelo jornalista Djalma Maranhão no *Diário de Natal*, em 1949, sobre a vida na esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, em Natal; e mais: 286 notas de pé de página de Cláudio Augusto Pinto Galvão que identifica e pesquisa cada nome citado no texto; e mais: um glossário de 136

vocábulos do mesmo historiador que impede o texto de ficar arcaico. Três livros. E mais uma planta do teatro de operações, na Ribeira: este é o brinde.

O pós guerra é o tempo da ressaca da presença dos americanos em Natal. Já não corre mais o dólar e a Cidade está na encruzilhada de opções para se manter em pé com as próprias pernas. Aí é que o repórter Djalma Maranhão identifica na esquina de Tavares de Lira com Dr. Barata a parteira que testemunha o nascimento de um tempo novo: a convivência e defesa de interesses de banqueiros, comerciantes, políticos, intelectuais, militares, bancários, funcionários públicos, negociastas, marreiros, tipos populares, bêbados, vagabundos e putas. Acolhe boatos, brincadeiras e intrigas e dá voz a todos, democraticamente. Liricamente. Dos bares, cafés e livrarias ele recolhe mulheres e homens, cor e cheiros. Promete novas reportagens que não serão escritas. E de repente, não mais que de repente, sem explicações nem despedidas, deixa de escrever sobre o grande filão. Mistério que só uma futura biografia explicaria...

O faro de historiador de Claudio Galvão resgata da vida fugaz da página do jornal para a perenidade do livro esse momento da vida de Natal. E mais: identifica cada nome citado nos textos e sobre eles dá fé pública, cartorialmente. Através de sua paciente pesquisa retira muitos homens e mulheres das noites do tempo para trazê-los, novamente, à luz do sol de Natal.

Acrescenta à tarefa um glossário, que explica palavras e expressões que caíram em desuso.

Assim Claudio Galvão junta mais dois livros ao livro de Djalma Maranhão.

Finalmente, registro que sou, pessoalmente, grato a este(s) livro(s). Um mistério me foi desvelado. Eu conto. Na minha adolescência conheci um tal de Timoschenko: alto, espadaúdo, cabeça raspada, óculos *ray ban*, origem desconhecida. Ele aliciava estudantes para um partido político, o Partido Orientador Trabalhista. Por sua causa, meu amigo Aderbal Morelli dormiu um noite no xilindró, pois foi flagrado pela polícia, de madrugada, pichando os muros com sigla POT. Mas, nunca vim a saber quem era o tal do Timoschenko. Graças a este(s) livro(s), agora, sei de tulinho.

Heureca, Djalma Maranhão !

MOACYR de GÓES

Rio de Janeiro, maio de 2004

Firmas das ruas Dr. Barata e Tavares de Lira, citados no texto.

1. Livraria Cosmopolita
2. Armazém Potiguar
3. Expresso 56
4. Café Globo
5. M. Martins e Cia.
6. O Carneirinho de Ouro
7. Bar Eldorado
8. Agência do Lloyd Brasileiro
9. Movelaria Natal
10. Joalheria de Samuel de Góes
11. Loja de Amaro Mesquita
12. O Cova da Onça
13. Casas 4400
14. Livraria Internacional
15. Tipografia Augusto Leite
16. Loja de Livros
17. Indicador da Agência Pernambucana
18. Livraria Lima
19. Barbearia (uma das) de José Areias
20. A Ordem
21. Caixa Rural e Operária

ESQUINA DA TAVARES DE LIRA COM A DR. BARATA. – Djalma Maranhão.

Notas de rodapé.

Capítulo I

- 1 – FORTUNATO Rufino ARANHA: ex-intendente (Prefeito) de Natal, proprietário da Livraria Cosmopolita (ver mapa).
- 2 – Armazém Potiguar: esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata (ver mapa)
- 3 – “Negra Ana”: proprietária de um Café na rua Dr. Barata (ver mapa).
- 4 – Simôa: tipo popular, conhecida pelo vocabulário pornográfico que usava com quem a importunava.
- 5 – Major José Bezerra, ajudante de ordens do governador Rafael Fernandes. Oficial da reserva da Polícia Militar (coronel). Descrito pelo autor no capítulo XI.
- 5 – Adalgiza, do Café Expresso Natal.
- 6 – Café Expresso Natal, em frente à Livraria de Ismael Pereira. (Não confirmado)
- 7 – Travessa Venezuela: (ver mapa).
- 8 – Trampolim da Vitória, nome dado pelo ministro da guerra de Getúlio. Confirmar.
- 9 – Kipling.
- 10 – Café Globo, rua Dr. Barata (ver mapa).
- 11 – Nival (Câmara?) Tio de José Valério, Marco Aurélio. Bonzão da Frigidaire.
- 12 – Luís de Barros, pai de Laís.
- 13 – Luís Careca – pai do Dr. Luciano Barros.
- 14 – “glostorado”:
- 15 – Deputado Manoel Varela de Albuquerque, professor do Atheneu, advogado.
- 16 – D. Marcolino (Esmeraldo de Souza Dantas), terceiro bispo da diocese de Natal, tomou posse a 29 de janeiro de 1929. Poeta.

Capítulo II

- 1 – José Gurgel do Amaral Valente – João Augusto.
- 2 – Benjamim Rebouças, empresário do sal.

- 3 – Manoel Alves (Nezinho), residente em Angicos, depois comerciante à rua Dr. Barata.
- 4 – Dr. Raimundo de França, diretor do Correio, casado com a poetisa Palmira Wanderley. Wanda Mussi.
- 5 – Alves de Brito e Cia. Firma de Campina Grande, do ramo do algodão. Localizava-se onde foi construída a CEF da Ribeira.
- 6 – João Câmara (livro de LCC)
- 7 – Barcelos, funcionário do Banco do Brasil, originário de outro Estado.
- 8 – Sátiro, do Banco do Povo, originário de Campina Grande. Banco do Povo: no local da atual Tribuna do Norte.
- 9 – Sólon (Rufino Aranha), funcionário do Banco do RN, esportista, ex-dirigente do ABC Futebol Clube.
- 10 – Aldo Fernandes Raposo de Melo, banqueiro (nome do banco Casa Bancária....)
- 11 – Jessé (Freire), do Banco Auxiliar do Comércio (sediado na rua Nísia Floresta, ver mapa). Político, empresário.
- 12 – Floriano Medeiros, (de Caicó), comerciante.
- 13 – Antônio Vasconcelos (Galvão), corretor, escritório na Travessa Venezuela, ex-prefeito de Currais Novos.
- 14 – Simplício Cristino, (descrito pelo autor).
- 15 – Carneirinho de Ouro, esquina da Dr. Barata com T. de Lira, 1º andar.
- 16 – Eldorado, sorveteria pertencente a Jessé Freire, na esquina da Tavares de Lira com Câmara Cascudo.
- 17 – Coronel João Medeiros, de Jardim do Seridó: um dos maiores exportadores de algodão do Estado.
- 18 – Rainel Pereira, comerciante, fazendeiro, ex-prefeito de São Tomé.
- 19 – Florêncio Luciano (de Parelhas), fazendeiro, exportador de algodão.
- 20 – Aristófanes Fernandes, fazendeiro, comerciante, político.
- 21 – João Bianor (de Santa Cruz), exportador de algodão.

- 22 – Manezinho Montenegro (do Açu), fazendeiro, político.
- 23 – Francisco Cabral (de São Paulo do Potengi), pai de Betinha de Nássaro, 201 9343.
- 24 – Ubaldo Bezerra de Melo, usineiro em Ceará-Mirim, Interventor Federal no período de 13/02/1946 a 15/01/1947.
- 25 – Luís (Lopes) Varela, usineiro em Ceará-Mirim.
- 26 – Adauto (Rocha), usineiro em Arez, ex-prefeito daquela cidade.
- 27 – Agenor Lima, proprietário de engenho, proprietário rural, chefe político em Goianinha.
- 28 – Odilon (Barbalho, de Goianinha),
- 29 – Eider (Varela, Ceará-Mirim), fabricante da aguardente “Inspiração”.
- João Beckman Dantas, fabricante da aguardente “Olho d’Água”
 - José Carvalho, ex-prefeito de Canguaretama, funcionário da Alfândega.
- 30 – Newton (Pessoa de Paula), fabricante da aguardente “Dois Tombos”.
- 31 – Lamartine, da Samba.
- 32 – “fundaram a safra”
- 33 – “algodão na folha”
- 34 – Jacques (Blum), descende de inglês, gerente da firma Anderson e Clayton (algodão)
- 35 – Nezinho (Manoel) Fernandes, chefe da firma Fernandes e Cia., comprador-exportador de algodão.
- 36 – Costinha Fernandes, comerciante em Mossoró.
- 37 – Zeriberto Fernandes
- 38 – Wharton Pedroza, proprietário Scotch Brooks. Firma exportadora de algodão.
- 39 – Dinarte Mariz.
- 40 – Tomaz Salustino, proprietário da mina Brejuí, de Currais Novos.
- 41 – José Aguinaldo (Barros), fundador da Bolsa de Valores do RN, poeta, deixou inédito “Poemas para Nina”. (Descrito pelo auto

41 – Lloyd Brasileiro

41 – Cíleno (Silva) desportista, funcionário do Banco do Brasil.

42 – Western, companhia telegráfica que utilizava cabo submarino e proporcionava comunicação mais rápida que o telégrafo comum. Esquina da Duque de Caxias com

43 – Farmácia Natal, tradicional estabelecimento, esquina da Ulisses Caldas com Vigário Bartolomeu.

44 – Cloro (Clodoaldo Marques Leal), proprietário da Farmácia Natal, ponto de encontro vespertino de amigos e intelectuais.

44 – “carro de praça”: a expressão anterior “carro de aluguel” passou a ser assim utilizada quando os automóveis se agrupavam em locais de clientes, as “praças de carros”. Atual táxi.

45 – João Batista Galvão, (descrito pelo autor).

46 – Hotel Avenida, esquina da rua Sachet com Duque de Caxias.

47 – Orlando Monteiro (Landinho), alto funcionário do Departamento de Correios e Telégrafos.

48 – Orlando Teixeira, funcionário federal, Landão

49 – Júlio Tinoco (Jerusa)

50 – Raimundo (Fernandes), funcionário do Ministério da Fazenda.

51 – Gentil Nesi

52 – Aluísio (de Andrade) Moura, oficial do Exército, Interventor Federal no período de 28/01 a 31/07/1931.

53 – Lauro Vieira

54 – Elissósio (de Amorim) Guimarães, funcionário do Departamento de Correios e Telégrafos, campeão de bilhar, poeta, publicou “Society” e “As bossas”.

54 – “Ita”, Companhia de Navegação Costeira.

55 – Carlos Siqueira, poeta, trovador, funcionário da Estrada de Ferro Central .

56 – Renato Wanderley, filho de Celestino W, campeão de bilhar, irmão de Palmira, Cônego, Jaime, Carolina.

57 – Augusto Leite, líder sindical, fundador da Liga Artístico e Operária do RN, proprietário de uma tipografia com seu nome.

58 – Teodomiro Sá, advogado, funcionário do Tribunal Regional Eleitoral.

59 – Zé Alecrim

60 – Raimundo Fu-Manchú

61 – Régulo (da Fonseca Tinoco), desembargador.

62 – Canindé (Francisco Canindé de Carvalho), desembargador, membro do Tribunal Regional Eleitoral.

III

1 – Paulo (Pinheiro) de Viveiros, advogado, escritor.

2 – Carlos Augusto (Caldas da Silva), advogado, desembargador, professor da UFRN.

3 – Amaro Magalhães

4 – Cavalcanti Moura, comerciante

5 – Alves (Luís Maria), jornalista, diretor de “O Diário de Natal”.

6 – Leonardo (Bezerra), jornalista,

7 – Silvino (Bezerra Neto), caicoense, juiz, desembargador do Tribunal de Justiça do Estado. Poeta.

8 – Garibaldi Alves

9 – Antônio Justino Bezerra, funcionário estadual.

10 – Amaro Silva, agrônomo, chefe do Fomento Agrícola.

11 – Monsenhor João da Mata Paiva

12 – Djalma Marinho, advogado, político.

13 – Teodorico Bezerra, proprietário rural, chefe político em Santa Cruz, proprietário do Grande Hotel.

14 – Dinarte Mariz

- 15 – Agnaldo Simonetti, funcionário do Ministério da Fazenda.
- 16 – Eliseu Marques, fazendeiro em Canguaretama, proprietário de imóveis em Natal.
- 18 – Leon Wolfson, judeu, proprietário de uma movelaria na Avenida Tavares de Lira, fundador do Centro Israelita de Natal.
- 19 – Werner Grau, catarinense, funcionário do Ministério da Fazenda.
- 20 – Alcides Varela, líder comunitário em Macaíba.
- 21 – “manga do paletó”
- 22 – Samuel de Góes, comerciante em Natal.
- 23 – Partido Popular
- 24 – Mário (Leopoldo Pereira da) Câmara, Interventor Federal no período de 2/08/1933 a 29/10/1935.
- 25 – “Fumo Ruim”
- 26 – Francisco Varela (da espada), empresário, proprietário do Edifício Varela. Espada: Ângelo Varela.
- 27 – Potiguar Fernandes, (Luís Potiguar Fernandes, “Poti”), funcionário do Ministério da Fazenda, desportista, um dos fundadores da Liga dos Desportos Terrestres do RN.
- 28 – Dix-Huit Rosado (Maia), médico, industrial, político mossoroense.
- 29 – Romildo (Fernandes) Gurgel, jornalista, político, membro do Tribunal de Contas.
- 30 – João Maria Furtado, desembargador, desportista, jornalista, escritor.
- 31 – Amaro Mesquita, empresário em Natal.
- 32 – Aristófanes (Fernandes) – já descrito.
- 33 – Cova da Onça, térreo, café, vizinho à Agência Pernambucana, freqüentado por políticos e autoridades. (Ver mapa)
- 34 – “perrepada”
- 35 – Benedito Saldanha, político, agro-pecuarista em.....

- 36 – King-Kong, apelido de um assessor de Benedito Saldanha.
- 37 – “pessedista”
- 38 – Casa 4000 (Lojas Brasileiras 4400), loja de brinquedos, consumida por um incêndio em 7 de fevereiro de 1950.
- 39 – João Mamão, apelido do livreiro João Rodrigues Barbosa, proprietário da Livraria Internacional (ver mapa).
- 40 – Café Filho (João Café Filho), vice-presidente da República, assumiu a presidência quando do falecimento de Getúlio Vargas.
- 41 – Kerginaldo (Cavalcanti de Albuquerque), advogado, político, orador famoso.
- 42 – Dr. Jessé: citado pelo primeiro nome apenas, pode ser Jessé Fernandes Café, irmão de Café Filho.
- 43 – Gastão
- 44 – Bilé (Soares), comerciante, cafeísta exaltado.
- 45 – Vereador (José) Gouveia, vereador, jornalista.
- 46 – Laércio, do Saneamento, diretor do Saneamento, presidente do Carneirinho de Ouro.
- 47 – Saneamento, repartição responsável pela água e esgotos de Natal, atual CAERN.
- 48 – Elizeu (Leite), industrial, proprietário da Tipografia Augusto Leite, na Dr. Barata (ver mapa).
- 49 – Dutra (presidente Eurico Gaspar Dutra), Brigadeiro (Eduardo Gomes), Zeamérico (José Américo de Almeida), políticos do cenário nacional.
- 50 – José Anselmo (Alves de Souza), líder espírita, diretor do Departamento de Correios e Telégrafos.
- 51 – Alan Kardec, escritor francês, codificador da doutrina espírita.
- 52 – Hélio (Mamede de Freitas) Galvão, advogado, escritor, historiador, líder católico.
- 53 – Cuquita (Carballo), rumbeira (dançarina) cubana que apresentou no Cine Rio Grande em fevereiro-março de 1949, famosa pelo reduzido de suas vestes.

1 – Teatro Carlos Gomes, construção iniciada pelo governador Joaquim Ferreira Chaves; passou a se denominar Teatro Alberto Maranhão a 23 de agosto de 1957.

2 – Alberto Maranhão , governador no período de 1900 a 1904, inaugurou o teatro a 3 de março do último ano de seu governo.

3 – Grêmio Dramático de Natal

4 – Amaro Andrade

5 – Carlos Siqueira

6 – Rui Paiva

7 – Arlindo Cavalcanti, pai da viúva do capitão Bahia

8 – Renato Viana

9 – Waldemar de Oliveira

10 – Antônio Soares Filho

11 – Paulo Benevides, poeta, boêmio, soneto “O jumento”

12 – Milton (Homem de) Siqueira, poeta com vários livros publicados, conhecido na cidade pela sua forma excêntrica de se vestir e se portar.

13 – Poeta Targino

14 – Alcides Cicco

15 – Meira Pires

16 – Sandoval Wanderley

17 – Paulo Teixeira

18 – Nilo Siqueira

19 – Zé Agnaldo

20 – Urbano Brandão

22 – Hiran Pereira

23 – Pozzoli (Og)

- 24 – Maria Célia
- 25 – Marilita Pozzoli
- 26 – Fernando Cardoso
- 27 – Manuel Andrade
- 28 – Clarice Palma
- 29 – Didi Câmara
- 30 – Zete Wanderley, rádio teatro Poti
- 31 – Aurinha Barros rádio teatro Poti.
- 32 – Tibúrcio Gambarra Pires
- 33 – Mussoline Fernandes
- 34 – Conjunto Teatral Potiguar

V

- 1 – Jornal “A Manhã” (do Rio de Janeiro).
- 2 – Luís da Câmara Cascudo: embora pela descrição autor, possa parecer o contrário, Cascudo era freqüentador do Bar e Confeitaria Delícia (praça Augusto Severo) e outros bares da Ribeira. Decerto não aparecia pela esquina em foco.
- 3 – o samba famoso: Djalma parece se referir ao samba “Trabalhar em não” (Aníbal Alves de Almeida), gravado por Onéssimo Gomes, sucesso em 1946.
- 3 – Ascenço Ferreira, poeta pernambucano, esteve em Natal durante a administração do prefeito Djalma Maranhão.
- 3 – Américo de Oliveira Costa, jornalista, escritor, secretário de Estado, professor da UFRN (confirmar).
- 4 – Armando Seabra, crítico literário, publicou em 1928 “Ensaio de Crítica Literária”.
- 5 – Rivaldo Pinheiro, advogado, professor, jornalista, um dos fundadores do “Diário de Natal”.
- 5 – Lourenço Branco (não era do Estado).

6 – Revista Bando, revista literária publicada em Natal por Raimundo Nonato, Manoel Rodrigues de Melo, João Alves de Melo, Luís Patriota, Veríssimo de Melo e Hélio Galvão, circulou de janeiro de 1949 a dezembro de 1959.

7 – Manoel Rodrigues (de Melo), escritor, poeta, líder católico, presidente da Academia Norte Rio-Grandense de Letras por vinte e um anos (1955 a 1976).

8 – Antônio Pinto (de Medeiros), advogado, professor do Atheneu, jornalista, crítico literário, um dos fundadores do “Diário de Natal”.

9 – Zé Gonçalves (José Gonçalves Pires de Medeiros), seridoense, bacharel em Direito, político, diretor do jornal “A República”, jornalista, intelectual destacado nas décadas de 1940-50.

10 – Joanilo de Paula Rego, jornalista, poeta, advogado, com atividade na magistratura do Estado.

11 – Walflan Queiroz, bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, dedicado inteiramente à poesia publicou: “O Tempo da Solidão” e “O livro de Tânia”.

12 – Comendador Chibata

13 – Juvenal Antunes, nascido em Ceará-Mirim, bacharel em Direito, poeta, publicou “Cismas”, em 1908.

13 – Oswaldo Lamartine de Faria, agrônomo, etnólogo, folclorista, escritor.

14 – Oto (de Brito) Guerra, advogado, líder católico, jornalista, escritor.

15 – Veríssimo (Pinheiro) de Melo, advogado, jornalista, escritor, folclorista de renome nacional.

15 – Boa Tarde, crônica de Veríssimo de Melo em (procurar em jornais).

16 – Lenine (Barros) Pinto, iniciou sua carreira literária nos anos 1940, publicando em jornais de Recife e Natal; escritor, historiador.

17 – Dalton Trevisan, escritor paranaense, editor da revista “Joaquim”.

18 – João Batista Pinto

19 – Luís Maranhão Filho, irmão de Djalma, jornalista, professor, político de esquerda, preso e desaparecido durante o regime militar de 1964.

20 – Professor Nonato (Raimundo, de Mossoró)

21 – Jaime dos G. (Guimarães) Wanderley, farmacêutico, escritor com muitos livros publicados, poeta, jornalista, novelista, teatrólogo.

22 – Nestor (dos Santos) Lima, advogado, escritor, historiador, presidente perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico do RN.

23 – João Rodrigues (Barbosa), ver João Mamão.

24 – Loja de Livros, de (Henrique) Santana

25 – Luís Romão (de Almeida), proprietário da Agência Pernambucana, loja de jornais e revista (ver mapa), criou o Indicador da Agência Pernambucana em janeiro de 1938, conjunto de alto-falantes muito popular antes do aparecimento das emissoras de rádio em Natal.

26 – Alvamar (Furtado de Mendonça), advogado, juiz do trabalho, escritor, professor da UFRN.

27 – João Maria Furtado, desembargador, desportista, escritor.

28 – Lauro Pinto, filho de José Pinto

29 – Livraria Lima, João Nicodemos de Lima.

VI

1 – Hora do Pato: programa de calouros da Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

2 – “meter os peitos”

3 – Aureliano Medeiros Filho, professor de português, gramático, escritor.

4 – “Amigos da Onça”: referência ao “Amigo da Onça”, personagem de um cartoon publicado na revista “O Curzeiro”, de autoria do desenhista Péricles.

5 – Zé Areias: barbeiro, com salão na Tavares de Lira, carnavalesco, figura popular, com posição no anedotário da época dos americanos em Natal.

6 – Sapataria “A Fidalga”

7 – Zé Herôncio (José Herôncio de Melo)

8 – Arlindo Cavalcanti

VII

- 1 – Sandoval Pinheiro Cavalcanti, já descrito
- 2 – Hélio Galvão (já)
- 3 – “tamanho de um bonde”
- 4 – “devagar com o andor”
- 5 – “amigos da onça”
- 6 – caudilho Vargas
- 7 – PSD
- 8 – Nelson Negreiros, advogado, vida pública iniciada na antiga Legião Brasileira de Assistência. Desembargador na Paraíba, onde faleceu.
- 9 – Amaro Magalhães (médico)
- 10 – Claudionor de Andrade
- 11 – Agnaldo Simonetti
- 12 – Vitorino Freire
- 13 – Góes Monteiro
- 14 – Barreto Pinto
- 15 – Jurandir Sitaro, pai de Jurandir
- 16 – Monte, do Banco do Brasil – Lins, do Instituto
- 17 – Faculdade de Farmácia e Odontologia
- 18 – Prédio do Atheneu
- 19 – Dr. Ramires (Adolfo)
- 20 – Dr. João Leandro, médico, filho de Miguel Leandro
- 21 – Madrugá Rodrigues
- 22 – Paulo Cafafa

- 23 – Carlos Augusto Caldas da Silva
- 24 – Enock de Amorim Garcia, Faculdade de Agronomia
- 25 – Nezinho Procópio
- 26 – Ulisses Celestino de Góes
- 27 – Escola Técnica de Comércio
- 28 – Humberto Nesi, desportista, funcionário federal, séc, finanças
- 29 – A Ordem
- 30 – Caixa Rural
- 31 – Dante de Melo Lima, advogado
- 32 – “Capote Molhado”

VIII

1. Conde Mané de Luxemburgo
2. “Sargento”, faleceu atropelado
3. Arquimedes Dantas (Não LGMB)
4. Comissário Meira Lima
5. Grande Hotel, construído pelo governador Rafael Fernandes em 1938 (A Rep 1)
6. Olimpio Procópio (de Moura)
7. Teodorico Bezerra
8. Firma João Severiano da Câmara e Irmãos – algodão
9. Paulo Lira
10. Sólton Aranha, desportista, gerente do Banco do Rio Grande do Norte, um dos fundadores do ABC Futebol Clube.
11. Santana, funcionário do Grande Hotel

12. Sátiro
13. Lídio Madureira, funcionário do Banco do Brasil.
14. Restaurante Cruzeiro
15. Natal Clube
16. Nelson Cachimbo Meira e Dr. José Lourenço, pernambucanos (Não LGMB)

X

1. Raimundo Ramalho, descrito pelo autor.
2. ouro branco
3. Coronel Teteo
4. Armando China
5. Emídio Avelino
6. Lauro da Escóssia
7. Luís Bolão
8. Walter Wanderley, escritor (necrológios)
9. Rouleaux
10. Estádio da Federação
11. Doutor Bacorinha (Não LGMB)
12. Washigton Luís
13. “arriado”
14. “jamegão”
15. Rômulo Wanderley
16. Padre Mata

17. “perdendo o fio da meada”
18. “goitana”
19. “calunga de caminhão”
20. Hotel Avenida (já referido)
21. UDN
22. Brigadeiro (já referido)
23. José Bernardo
24. Floriano Medeiros
25. Antônio Justino
26. Sílvio de Souza, dentista
27. Agenor Lima
28. Georgino (já referido)
29. “bufando”
30. Raimundo Ramalho de Macau, já referido
31. José Bezerra, descrito pelo autor
32. Rafael Fernandes
33. Coronel Quincó, Joaquim Anselmo Teixeira de Moura, oficial da PM, comandante
34. Palácio da Praça setembro
35. Vila Potiguar, antes Vila Cincinato, residência
36. Capitania
37. Aldo Fernandes, já tem
38. DIP
39. David Galvão, descrito pelo autor

40. “marretar.
41. Dr. Everton:
42. São Bento do Bufete
43. Cosme Lemos, nascido em Martins, prefeito de sua cidade na revolução de 1930, deputado na Constituinte de 1947, funcionário dos Correios, poeta.
44. “balzaquiana”
45. “arrotava”
46. “apurando”
47. “piniqueira”
48. Padre Elesbão (Ver Levitas do Senhor)
49. “taboleiros”
50. “volante”
51. General Fernandes Dantas

Na leitura do texto notará o leitor que o autor empregou expressões populares, muitas delas tipicamente regionais, bem como palavras atualmente pouco usadas e outras totalmente em desuso. Para facilitar a compreensão sem que se necessite recorrer a um dicionário, resolveu-se incluir o presente glossário. A publicação em ordem alfabética tem também o objetivo de facilitar a consulta, não sendo esta a seqüência em que se encontra no texto.

Pensou-se principalmente no leitor jovem e naquele que, no futuro, tiver acesso a estas referências. Considere-se, também, a intenção de salientar-se o uso, há mais de cinquenta anos, de palavras e expressões ainda atuais.

EXPRESSÕES POPULARES TEXTO COMPLETO Retiradas as marcadas em verde.

1. *a emenda foi pior do que o soneto*: ficar pior do que estava
2. *a toda*: a toda velocidade
3. *aos emboléus*: às quedas
4. *abafando a banca*: fazendo sucesso
5. *algodão na folha*: antes da colheita
6. *amigos da onça*: do contra; expressão derivada do personagem humorístico “O amigo da Onça”, criação do desenhista Péricles e publicada na revista “O Cruzeiro”.
7. *aperreado*: nervoso
8. *arisco*: cismado, arredio
9. *arrasta uma asa*: inclinar-se para alguma coisa ou alguém
10. *arriado*: apaixonado
11. *arrotando goga*: gabando-se
12. *automóvel de praça*: táxi
13. *azeite às canadas*: furioso
14. *bacora*: chapéu curvo, de aba curta
15. *bagana*: resto do charuto
16. *baiuqueiro*: jogadores de baralho
17. *balzaquiana*: mulher depois dos trinta anos de idade (naqueles tempos, já era considerada velha...)
18. *bamba*: maioral
19. *bas-fond*: lugar de prostituição
20. *batata*: exatamente
21. *batatal*: exata, imediata
22. *bateu a linda plumagem*: voar, tomar caminho
23. *bicho danado*: corajoso, impetuoso

24. *blefando*: brincando, debochando
25. *boca da noite*: fim de tarde
26. *braba*: brava, rigorosa
27. *bufando*: furioso
28. *cabrito*: menino, rapazinho
29. *cafundós do Judas*: lugar muito distante
30. *calunga de caminhão*: empregado que trabalha sobre a carroceria
31. *camisa de onze varas*: dificuldade
32. *caningado*: repetitivo, insistente
33. *canoa policial*: viatura policial
34. *carro de praça* (antes era carro de aluguel): taxi
35. *carta branca*: autorização
36. *casimira*: tecido encorpado, geralmente escuro, muito usado para ternos nesta cidade tropical
37. *cédulas impressas*: no momento, votava-se depositando nas urnas cédulas impressas com o nome do candidato.
38. *center-half*: futebol, correspondente á atual posição de “meio-de-campo”.
39. *chamada de cana*: dose, trago, porção de aguardente.
40. *chapéu do Chile*: muito usado na época, confeccionado com palhinha fina, tinha abas largas e moles, e uma cinta preta em redor.
41. *charivari*: confusão
42. *chato, cacete*: pessoa de contato pessoal desagradável
43. *colocar os pontos nos i*: corrigir, acertar as coisas
44. *comer corda*: aceitar e acreditar em elogios fáceis
45. *como sardinha em lata*: muito apertado
46. *cópia fotostática*: antecessor da cópia xerox, fotografava-se o documento
47. *costas quentes*: ter prestígio, ser protegido por alguém
48. *dançando como uma carapeta*: sem parar
49. *dando bolos*: enganar
50. *dar as caras*: comparecer, aparecer em algum lugar
51. *dar esbregue*: dar repreensão
52. *dar o ar de sua graça*: chegar em algum lugar
53. *dar o cavaco*: afobar-se, irritar-se
54. *dar prego sem estopa*: não fazer nada sem garantia de recompensa
55. *dar um pulo*: ir a algum lugar
56. *de oito*: não identificada.
57. *de roldão*: em desordem, confusão
58. *deram o cavaco*: aborreceram-se
59. *desopilar o fígado*: rir
60. *devagar com o andor* (que o santo é de barro): ter calma
61. *do outro mundo*: superlativo, coisa muito boa
62. *do tamanho de um bonde*: grande
63. *eleitor de cabresto*: eleitor que vota conforme manda outra pessoa
64. *encanou*: levou “em cana”, prendeu
65. *enfarpelado*: de roupa nova
66. *entrançando as pernas*: andando

67. *entrou pela perna do pinto* (saiu pela perna do pato): antiga fórmula com que os contadores de histórias infantis terminavam um relato
68. *esborrachando*: muito cheia
69. *espíquer*: speaker, assim eram chamados os locutores de rádio
70. *estar com a goitana*: estar furioso
71. *falando sozinho*: derrotado, desapontado
72. *faltar areia nos pés*: ficar desnorreado
73. *fazendo furor*: fazendo sucesso
74. *filhos da Candinha*: mexeriqueiros
75. *foca*: aprendiz de repórter
76. *frouxura*: covardia
77. *fundaram a safra*: iniciaram o plantio
78. *galegos*: estrangeiros
79. *gatos pingados*: poucos
80. *glostorado*: que usou Glostora, produto para cabelo, em forma de óleo ou brilhantina, muito usado na época
81. *granfa*: granfino
82. *Ita*: os navios da Companhia de Navegação Costeira tinham nomes como Itapé, Itanagé, etc., que foram abreviados para “Ita”.
83. *jamegão*: assinatura
84. *jerimunlândia*: terra norte-rio-grandense
85. *lambedeira*: faca, peixeira
86. *lascou*: fazer alguma coisa com violência
87. *lenga-lenga*: conversa interminável, repetitiva
88. *levar um tesa*: receber uma repreensão
89. *linha justa*: controle político dogmático pelo Partido Comunista.
90. *malhando em ferro frio*: fazendo trabalho sem proveito
91. *mandou mecha*: iniciou alguma coisa
92. *marretar*: roubar
93. *matéria plástica*: de matéria plástica = de plástico
94. *mechas*
95. *meetings*: (influência do inglês: encontro): comício
96. *meia tigela*: sem importância, inexpressivo
97. *meter os peitos*: entrar, introduzir-se
98. *mexer os pauzinhos*: agir, acionar prestígio para obter algo
99. *muxicão*: beliscão
100. *neris de pitibiriba*: nada
101. *no duro*: na verdade, sem dúvida
102. *oito ou oitenta*: ou tudo ou nada
103. *ouro branco*: algodão.
104. *papagaios*: promissórias, documentos resultantes de dívidas em bancos.
105. *parafuso solto*: ser louco
106. *parolagem*: tagarelice, ato de falar demasiado
107. *pé de boi*: trabalhador constante
108. *pegar a xepa*: fazer refeição
109. *pela manga do paletó*: pegar, segurar alguém

110. *pelos cotovelos*: escrever muito
111. *perder o fio da meada*: desorientar-se na conversa
112. *perder vasa*: não perde oportunidade
113. *pince-nez*: (do francês: aperta-nariz), tipo de óculos sem pernas, que se fixava sobre o nariz e se prendia ao paletó por um cordão, em geral, e ouro.
114. *pinicou a burrinha*: esporeou
115. *pintar o sete*: exagerar ao fazer alguma coisa
116. *peruar*: observar (jogo)
117. *ponta de rama*: iniciante
118. *queimar as pestanas*: ler, estudar muito
119. *quinta-coluna*: traidor, espião do inimigo (vocabulário do tempo da guerra)
120. *Ray-Ban*: modelo de óculos norte-americanos, em moda durante e depois da guerra
121. *rolo*: confusão
122. *sabotagem*: prejudicar, trair; palavra comum ao vocabulário da guerra
123. *shut*: chute
124. *seiscentos diabos*: exagero, aumentativo
125. *slogan*: expressão significativa
126. *sportman*: desportista
127. *tabuleiros*: terras areentas pobres em vegetação
128. *tim-tim por tim-tim*: passo-a-passo, pormenorizadamente
129. *tira-gosto*: porção de alimento ou fruta, que acompanha a bebida.
130. *torres*: formação de nuvens prenunciadoras de chuva
131. *trocar as bolas*: confundindo
132. *urros de Tarzan*: personagem de romance e filmes cinematográficos, Tarzan se anunciava com um grito bem característico
133. *vendendo azeite às canadas*: raivoso, furioso,
134. *virou bicho*: enfureceu-se
135. *volante*: companhia policial que combatia os bandos de cangaceiros



www.dhnet.org.br